
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



O UNIVERSAL
REMANESCENTE DE DEUS

Reflexões no ano do pastor

Era quase meia-noite e o “pau-de-arara” que eu aguardava não aparecia. Teria que passar, necessariamente, mais uma noite longe da esposa e do filho pequeno. Estava cansado. Durante dez dias tinha viajado de um lugar para outro, visitando os irmãos ao longo do dia e pregando às noites. Naquela segunda-feira, tinha pregado meu último sermão da viagem. Quase vinte pessoas atenderam ao convite para aceitar a Cristo Jesus e unir-se à Igreja. Eu estava feliz, mas também muito cansado e com saudades de casa.

Meu primeiro filho não tinha mais do que três meses, e eu queria vê-lo, senti-lo em meus braços. A minha esposa precisava de mim; por isso, quando, finalmente, o caminhão não apareceu, fiquei triste. Retornei à choupana de um irmão e passei mais uma noite longe de casa, com a saudade apertando o coração, mas feliz e contente porque estava servindo a Deus e a Sua igreja. Afinal, eu era um pastor.

Você pode estar pensando o que tem a ver esse incidente com o Ano do Pastor. Na verdade, tem a ver sim, e muito, porque ao ser designado 1993 como o Ano do Pastor, com o propósito de fazer crescer o sentido espiritual do ministério como um todo, pensou-se de maneira específica no pastor da igreja, o pastor distrital, o homem que está ali no campo de batalha, na luta diária para arrancar as almas das mãos do inimigo, no trabalho árduo para aliviar as cargas do povo de Deus, para curar as feridas que o inimigo causou nos membros do rebanho de Cristo.

Se pudéssemos ouvir os incidentes que cada pastor tem para contar; se pudéssemos mencionar as vezes em que o pastor distrital sentiu-se incompreendido, só, e sem outra companhia a não ser a de Jesus; se pudéssemos enumerar as noites de saudade, longe de casa, dormindo às vezes em situações desconfortáveis; se pudéssemos seguir os passos de cada valente servo de Deus, transitando por caminhos difíceis, a pé, em “pau-de-arara”, ou a cavalo, buscando almas, consolando os tristes e restaurando os caídos, quantas páginas e páginas poderiam ser escritas! . . .

No editorial deste número de *Ministério*, queremos lembrar aos pastores a promessa bíblica: “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos” (Salmo 126:6).

Quando chegou o momento de partir daquele distrito, os irmãos se reuniram para fazer uma oração comigo. Havia muitos índios *Campas* entre eles. Eu abraçava minha esposa com um braço, e com o outro segurava meu filhinho, que já estava com um ano. De repente um irmão, índio, fez um pedido estranho: “Pastor, queremos que seus familiares tragam o seu corpo para ser enterrado aqui na aldeia, se o senhor descansar antes da volta de Cristo”. Todos os presentes olharam, assombrados, para ele. “Por quê?” — perguntei-lhe. E a resposta foi: “porque na manhã da ressurreição queremos ser os primeiros a abraçá-lo”.

Tive que controlar a emoção. Abaixei o rosto, mas naquele dia entendi que valia a pena ser pastor. As longas noites de saudade longe da família, a fome e a sede, as viagens sem conforto, até mesmo as horas de tristeza e as incompreensões humanas cobraram sentido. Eu era um pastor. Minha igreja me amava e um dia, com certeza, o Senhor Jesus pessoalmente também me diria: “Venha, servo bom e fiel. . .” — *Alejandro Bullón*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64 - Número 3 - Maio/Jun. 1993 - Periódico Bimestral

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

EDITORIAL

2 REFLEXÕES NO ANO DO PASTOR

Alejandro Bullón

ARTIGOS

4 O UNIVERSAL REMANESCENTE DE DEUS

Santo Clarco

10 O VALOR DA BOA COMUNICAÇÃO

Dr. Luís Schulz

13 OUÇA, CARO EX-PASTOR

Herbert Martin (pseudônimo)

15 DESAFIANDO A CONTINUIDADE DA HISTÓRIA

George Knight

21 EVANGELISMO EM TEMPO DE MISSÃO GLOBAL

Alejandro Bullón

27 A TENTAÇÃO DE CRISTO E AS NOSSAS

José Monteiro de Oliveira

31 "ACHEI-ME NA ILHA DE PATMOS"

Almir A. Fonseca

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Davi Gangi; **Colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefé Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: Paulo Godoy

Todo artigo ou correspondência para a revista **MINISTÉRIO** deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 — km 106 — 18270-000 — Tatui, SP.

O universal remanescente de Deus

SANTO CLARCO

Pastor na Associação Sydney, na Austrália.

Perventura, é a eclesiologia do Novo Testamento favorável ao surgimento de uma escatológica “igreja remanescente”? Ultimamente tem-se discutido muito essa questão em todos os segmentos do adventismo. Alguns lembram que a expressão “igreja remanescente” não aparece nas Escrituras. Esses argumentam que apenas na versão *King James* de Apocalipse 12:17 a palavra “remanescente” é encontrada, e que tal conceito é de natureza paroquial, além de sugerir que outros não são verdadeiramente cristãos.

Examinaremos o problema ao lado do desenvolvimento de uma “teologia remanescente”, conforme encontrada no Velho Testamento, no Período Intertestamentário, na Igreja Cristã primitiva e na Igreja dos últimos dias.

A designação “igreja remanescente” na verdade não aparece em lugar algum das Escrituras. Ela ganhou forma por volta do século dezenove, em virtude da então emergente percepção apocalíptica. Toda-
via é um conceito bíblico.

Origem no Velho Testamento

O tema do remanescente é um assunto chave na escatologia bíblica.¹ Na experiência de Israel, é possível verificar que a apostasia sempre atraiu o julgamento divino. Há uma clara conexão entre o conceito do remanescente e os temas da apostasia e do juízo.² Entretanto, Deus em Sua

misericórdia preservou um fiel remanescente em cada momento de crise e os revestiu com as promessas, os privilégios e responsabilidades do concerto (Isa. 10:20 e 21; 30:15). Ele propôs enviar o Messias para esse remanescente (Isa. 11:1, 10 e 11; 4:2; 53:2; Jer. 23:3-6; Miq. 5:2-9), estabelecer o Seu reino (Isa. 4:2 e 3; 11:11, 16; Jer. 23:3; Miq. 4:7; 5:7 e 8; Sof. 3:13), e trabalhar por seu intermédio para evangelizar os gentios (Joel 2:32).

Nos dias de Elias, um remanescente de sete mil recusou dobrar os joelhos diante de Baal e sobreviveu à destruição (I Reis 19:17 e 18). Um grupo semelhante emergiu do cativeiro assírio de 721 a.C., e também do cativeiro babilônico de 605 a.C. (Isa. 10:5, 20 e 22; Eze. 6:5-9). O Velho Testamento também distingue claramente entre um Israel nacional e um Israel espiritual dentre esse mesmo povo.³

Também revela uma outra importante característica do remanescente. Amós 9:11 e 12 mostra que um remanescente de Jeová — gentios convertidos — unir-se-ia ao remanescente escatológico de Israel. A passagem afirma que pela graça de Deus, um remanescente de Edom e de todas as nações partilharia das promessas do concerto davídico. O propósito e missão de Israel era atrair a esses gentios (o que desafortunadamente falharam em cumprir).⁴ Assim, de tudo o que encontramos no Velho Testamento podemos concluir que o remanescente escatológico transcenderia todas as barreiras étnicas e nacionais (Isa. 66:10 e 19; Zac. 9:7; 14:16; Dan. 7:27; 12:1-3).

Os judeus pós-exílicos reagiram contra a infidelidade resultante do cativeiro de 586 a.C., tornando-se excessivamente rigorosos em sua observância do Torah. Por conseguinte, esse legalismo levou-os a refletir, através de sua teologia do remanescente, exclusivismo e separatismo. Todo aquele que não pudesse ser medido pela prevalecente interpretação da Lei, encontrava-se excluído da comunidade de fé. O mesmo princípio de exclusivismo foi novamente manifestado nos dias dos essênios e fariseus. Na tentativa de buscar estabelecer um senso de segurança diante de Deus, grupos sectários judaicos impuseram a si mesmos a mais rigorosa observância dos ritos sacerdotais. Eles queriam ser identificados como o salvo remanescente escatológico.⁷ A comunidade Qumran, por exemplo, via em si mesma o santo remanescente mencionado no Velho Testamento.⁸ Seus componentes consideravam-se separados, pela graça de Deus, como os únicos depositários das promessas do concerto.⁹

A seita Mar Morto, pretensamente um grupo remanescente, exibia uma atitude sectária de tal modo intensa que se lançava contra o resto da nação. Seus adeptos pensavam que apenas uma parte da nação tinha permanecido leal ao Senhor e sido qualificada como o Israel de Deus. O exclusivismo dessa seita a impediu de demonstrar interesse por qualquer pessoa fora da comunidade israelita, fazendo-a crer que sua missão era preservar a religião nacional em seu puritanismo. Os fariseus possuíam sentimentos não muito diferentes a respeito do remanescente.⁸

O remanescente nos evangelhos

O tema do remanescente também domina o ensinamento do Novo Testamento. Em contraste com o exclusivismo farisaico, prevalece um universalismo aberto. Por causa disso, alguns chegam a combater uma teologia remanescente baseada em qualquer espécie de exclusivismo, pretendendo com isso preservar a acessibilidade a Cristo e o universalismo da Sua



A. Rios

mensagem. Sua preocupação é que se Jesus buscou reunir um remanescente, isto tem algo a ver com o farisaísmo e movimentos semelhantes. Por outro lado, vez por outra o próprio Jesus rejeitou a visão e prática dos fariseus, bem como de outros grupos “remanescentes” (S. Mat. 12:2-8; 15:2-9; 23:23-28).⁹ Seria possível, então, que Cristo e Seu precursor vissem a si mesmos como chamados a ser remanescentes?

A mensagem de João Batista foi um grito de juízo e um convite ao arrependimento. Ele procurou reunir um Israel verdadeiramente convertido, que escapasse do juízo iminente e da ira divina (S. Mat. 3:1-12). Mas, em contraste com o rígido particularismo dos grupos “remanescentes” contemporâneos, a pregação de João era universal. “João Batista elevou-se acima dos numerosos fundadores de comunidades remanescentes. Ele também reuniu o santo remanescente. .. Esse é o significado de sua pregação, seu chamado ao arrependimento, seu batismo. Mas seu remanescente não é semelhante ao dos fariseus ou dos essênios. Esses grupos reuniam uma comunidade remanescente fechada.”¹⁰

O apelo de João era para todas as camadas da sociedade israelita. “Aqui nós encontramos o fenômeno do ‘remanescente aberto’ que inclui todos os que poderiam ‘produzir frutos dignos de arrependimento’ (S. Mat. 3:8).”¹¹ Jesus, ao aceitar o batismo de João, uniu-Se a esse remanescente. De fato, Ele considerava-Se e também a João, cumpridores de um papel divinamente designado — anunciar a vinda do Messias e o Reino de Deus.

Este é o ponto. No esquema da escatologia bíblica, “juízo” e “remanescente” são correlativos. De acordo com a literatura bíblica e extrabíblica, “o remanescente é definido pelo julgamento; tanto o julgamento já efetuado anteriormente como o julgamento vindouro”.¹² Daí a mensagem do juízo suscitar um remanescente.

Jesus proclamou um iminente juízo quando advertiu: “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino de Deus” (S. Mat. 4:17). A escatologia do juízo e restauração é responsável pela formação de grupos judaicos “remanescentes”, e a mensagem de Cristo corresponde a essa estrutura “ponto por ponto”.¹³ Então, “se a missão de Jesus está relacionada com o julgamento de Israel, a questão do remanescente está colocada *ipso facto*.”¹⁴

Jesus, ao oferecer salvação para todos quantos se arrependem e creêm no evangelho (S. Mar. 15), deixou claro que não planejava criar um remanescente que fosse particular e exclusivista.¹⁵ Ele concebeu Sua missão como a salvação de um aberto remanescente universal, cômico de que Seu trabalho era destinado às “ovelhas perdidas” (S. Mat. 10:6), e que somente “poucos” (S. Mat. 7:14) aceitariam o convite. Embora o termo “remanescente” como tal não apareça nos evangelhos, há expressões estritamente interrelacionadas, como “pequeno rebanho”, “poucos”, “escolhidos”, “perdidos” (S. Luc. 12:32; Isa. 40:11; S. Mar. 14:27; S. João 10:11; S. Luc. 19:10; Eze. 34:15). Esses termos refletem o vocabulário remanescente dos profetas do Velho Testamento.

Há também um relacionamento entre o tema profético do pastor escatológico, Seu rebanho remanescente, e correspondente evangelho. Por exemplo, o profeta Miquéias une a promessa de um “remanescente de Israel” (2:12) com a promessa do Messias que, nascido em Belém (5:2), ajuntá-lo-ia “como ovelhas num aprisco,

como rebanho em seu pasto” (2:12). Como já foi anteriormente mencionado, esse remanescente escatológico deveria emergir dentre judeus e gentios (9:11 e 12). Portanto, o nacionalismo avançou em direção ao universalismo. Os evangelhos, então, apresentam Jesus como o “Bom Pastor” escatológico que reunirá as “ovelhas perdidas de Israel” (S. Mat. 15:24), e os gentios (S. Mat. 15:28; S. Mar. 13:10; S. João 10:16).

Para essa missão universal, Cristo chamou de Israel Seus doze apóstolos, representando as doze tribos. Ao ordená-los, constituiu-os no fiel remanescente de Israel e chamou-os Sua Igreja (S. Mar. 3:14 e 15; S. Mat. 15:18).

No livro de Atos

No livro de Atos dos Apóstolos, a comunidade cristã primitiva via-se a si mesma como um remanescente dentro de Israel. O sermão de Pedro, no dia de Pentecoste, e relatado no capítulo dois, é direcionado primeiramente aos judeus. Ele baseou sua argumentação em Joel 2:28-32, que significativamente é o último texto do Velho Testamento sobre o remanescente. Pedro convidou seus ouvintes para unir-se não a uma nova religião, mas a Israel (2:40). Por conseguinte, esses cristãos viam-se a si mesmos como um remanescente dentro de Israel, esperando a iminente implantação da soberania de Deus (1:6). Eles compreenderam a promessa do Messias como aplicada somente a eles (Atos 2:39; 3:20-23), e sua missão mundial.

Somente em Atos 5:11 a palavra “igreja” (*ecclesia*) aparece. Do capítulo seis em diante podemos notar o desenvolvimento de um conceito a respeito de si mesmos como uma *ecclesia*. Os primeiros cristãos entendiam ser eles mesmos, não um remanescente exclusivista, mas universalmente aberto; não apenas confinados aos limites de Israel, mas dispersos por todo o mundo. Com os gentios sendo aceitos na qualidade de co-herdeiros da nova comunidade, sem qualquer pré-requisito de circuncisão, evidencia-se uma mudança de separatismo para universalismo, de um fechado remanescente para um remanescente aberto. O Concílio de Jerusalém atesta esse conceito.



Leandro

Em Atos 15:1 e 5, surge uma controvérsia entre Paulo e os judeus cristãos. O motivo da contenda envolvia gentios que estavam se unindo à Igreja. Seria necessário que esses pagãos fossem circuncidados e se tornassem judeus antes de se tornarem cristãos? A resposta de Tiago é a um tempo interessante e significativa. Ele combina o assunto de Atos 15:13-21, referindo-se a Amós 9:11 e 12, mantendo que os profetas já mostraram um remanescente escatológico de Israel, incluindo judeus e gentios (Atos 15:16 e 17). Portanto, a Igreja não impõe qualquer condição judaica para o ingresso de um gentio. Evidentemente, o remanescente agora torna-se a Igreja.

Nas epístolas

A principal referência de Paulo ao assunto que estamos considerando ocorre em Romanos 9 a 11, onde ele interliga o tema à sua argumentação sobre a rejeição de Cristo por parte de Israel. Citando Isaías 10:22-25 e 1:9, o apóstolo estabelece que só um remanescente, *hypoleimma*, de Israel será salvo (Rom. 9:27). Essa combinação da citação do Velho Testamento revela a aplicação que Paulo faz do remanescente.¹⁶

Em Romanos 9, Paulo desenvolve uma distinção entre o Israel “carnal” (v. 8) e o Israel da “promessa”, o qual não está restrito à linhagem física (vs. 26 e 27). Agora, o remanescente inclui todos os que têm fé em Cristo (Rom. 10:4, 9-13), incluindo judeus e gentios (9:24; 10:12).¹⁷

Em Romanos 11:1-15, o conceito de remanescente acompanha a referência ao clamor de Elias e à resposta de Deus (I Reis 19:18). O propósito é mostrar que Deus não rejeitou totalmente a Seu povo, mas que existe na verdade um remanescente que permanece fiel a Ele, tal como nos dias de Elias. Paulo toma o conceito de remanescente e o desenvolve através desses capítulos “para mostrar que a profecia do Velho Testamento sobre o remanescente é completada na comunidade composta de judeus e gentios”.¹⁸ Um elemento adicional também surge da idéia paulina de semente.¹⁹ Em Gálatas 3:16 Cristo é a semente (*sperma*) de Abraão, remanescente de Deus. Completamente fiel e santo, o Messias pode assegurar nossa sobrevivência em meio à catástrofe do pecado. Como semente de Deus, Cristo tem derrubado barreiras humanas e chamado Seu povo do mundo para a Igreja (*ecclesia*). No corpo de Cristo não há judeu nem grego; nEle todos são um (Gál. 3:28); todos são filhos de Deus. Aqueles que foram batizados em Cristo formam Sua *ecclesia*, a comunidade da semente.

Nesse ponto, nos defrontamos com uma questão. Se o remanescente se tornou a Igreja, como pode haver uma igreja remanescente? A resposta é simples. Exatamente como o Velho Testamento mostra um remanescente fiel, dentro de Israel, depois de um tempo de apostasia e juízo iminente, o Apocalipse descreve um remanescente fiel dentro da Igreja depois de um tempo de apostasia e juízo.

No Apocalipse

No livro de Apocalipse o tema do remanescente deve ser estudado nos âmbitos léxico, contextual e teológico. Lexicamente, o Apocalipse emprega o adjetivo *loipos* oito vezes. Embora a palavra tenha sido traduzida como “remanescente”, apenas na versão *King James* ela possui “um significado que lembra tal idéia”.²⁰ Sweet corretamente afirma que “o grego sugere o conceito do remanescente fiel, o núcleo da restauração após a catástrofe (Isa. 6:13 RSV; Rom. 9:27-29).”²¹ *Loipos* é um derivado de *leimma*,²² remanescente. Aparece 120 vezes na Septuaginta, e juntamente com ela *Kataloipos* ocupa mais que 37% da terminologia remanescente no Velho Testamento. Portanto, traduzir *loipos* como remanescente, não é apenas permissível, mas próprio.²³

O remanescente, *loipos*, na igreja de Tiatira são aqueles que permanecem fiéis (Apoc. 2:19) em meio à apostasia; ou seja, imoralidade espiritual com a impura Jezabel (2:20 e 24). Há aqui um notável paralelo com Apocalipse 12 a 17. A igreja em Sardes está prestes a morrer, mas “o resto que estava para morrer” (3:2) está sendo fortalecido pela existência de “umas poucas pessoas” (3:4) que são fiéis, imaculadas e dignas.

O que permanece é o final remanescente da história terrestre; o remanescente que é salvo (Apoc. 12:17) e o remanescente que se perderá (19:21).

O juízo e o remanescente

Anteriormente vimos que o juízo e o remanescente são correlativos no esquema da escatologia bíblica. O

Novo Testamento restabelece a construção do Velho Testamento e a coloca sobre uma estrutura que tem a ver com o presente e o futuro. Assim, o juízo é ao mesmo tempo um conceito atual e futuro. Isto é, o julgamento é inaugurado com a introdução de uma nova era, com a vinda do Messias (“agora é o julgamento deste mundo”), ao mesmo tempo em que espera a consumação do tempo. O Apocalipse revela isso claramente.

A partir do capítulo 12 é descrita a última e culminante batalha entre o bem e o mal. João relata a batalha entre o dragão e a mulher.²⁴ A mulher é “a igreja, mas apenas enquanto ela permanece como o povo de Deus”.²⁵ A serpente, após ter perseguido a mulher, sem êxito, volta-se contra “o restante de sua descendência” (12:17); “e contra os habitantes da terra, causando desgraça”.²⁶ Mas assim como o dragão é incapaz de destruir o Filho do homem, Jesus o Messias, “também será impotente para destruir a Igreja”.²⁷ O restante da descendência da Igreja encontra seu lugar apropriado justamente antes da colheita (14:12-20), a volta de nosso Senhor.

Satanás, ao tentar destruir o remanescente, conspira com a Babilônia dos últimos dias. A mulher prostituta que se embriaga com o sangue dos santos (Apoc. 17:1, 5 e 6). Os santos são o remanescente de Deus, “os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus” (14:12); e “o testemunho de Jesus” (12:17).

Várias referências indicam Babilônia como o cristianismo apóstata dos últimos dias. Primeiramente, Paulo menciona que antes da volta de Cristo, deverá haver uma longa decadência espiritual — apostasia (II Tes. 2:1-3). Depois, a imagem da mulher prostituta no Velho Testamento é usada para descrever o povo apóstata, cometendo adultério espiritual, ou seja, idolatria (Eze. 16:3, 15, 28 e 32; 23:29 e 30; Oséias 2:1, 5 e 13). Em terceiro lugar, o vestuário usado pela mulher corrompida é o de um sumo sacerdote, o que simboliza um sistema religioso pretensamente representante de Deus (Apoc. 17:4, Êxo. 28:5, 6, 9 e 14). Finalmente, o fato da prostituta ser queimada é bastante significativo, em virtude de que no Velho Testamento sua morte era geralmente por apedrejamento, exceto no caso de que ela

a fosse filha de um sacerdote. Então era queimada. Na crise religiosa dos últimos dias, o verdadeiro povo de Deus obedece a Seus mandamentos, em vez de render-Lhe uma contrafação de culto (Apoc. 13). Esses fiéis são o remanescente final. Eles proclamam a mensagem escatológica do juízo (14:7) e chamam de dentro da própria Babilônia um remanescente (18:2-4), de “cada nação, tribo, língua e povo” (14:6). Aqui nós vemos um remanescente universal, aberto, dentro do povo apóstata.

Conclusão

Em suma, o Novo Testamento não apenas admite uma teologia remanescente, como explicitamente a expõe. Entretanto, fundamentá-la sobre uma estrutura estreita e exclusivista, não somen-

te é inaceitável, mas é uma atitude condenada pela Bíblia.

A realidade de uma Igreja remanescente escatológica, encontra suas raízes tanto no Velho como no Novo Testamento. Ainda que ela tenha sido frustrada durante o período intertestamentário, a mensagem do universalismo emergiu com a vinda de Jesus e Seu precursor. O livro de Atos mostra como a idéia ganhou vulto no cristianismo primitivo. No Apocalipse nós encontramos uma dimensão escatológica adicional da idéia de remanesência.

A Igreja Adventista foi comissionada por Deus para pregar e ensinar a mensagem remanescente. Nós devemos cuidar, entretanto, para que nossa teologia nesse sentido não venha a se tornar paroquial. Apresentar tal mensagem não é apenas um privilégio, mas uma grande responsabilidade. Ela é o evangelho eterno, suscitando o remanescente de Deus, de “cada nação, tribo, língua e povo”.

Referências

1. G. F. Hasel, “Remnant”, *Interpreters Dictionary of the Bible*, 1976, Volume Suplementar, pág. 735.
2. G. F. Hasel, “Remnant”, *International Standard Bible Encyclopedia*, 1988, 4:133.
3. C. C. Ryrie, *Dispensationalism Today*, Chicago, Moody Press, 1965, pág. 138.
4. V. Hertrich, “Remnant”, *Theological Dictionary of the New Testament*, 1967, 4:208.
5. B. F. Meyer, “Remnant”, *New Catholic Encyclopedia*, 1966, 12:343.
6. W. Gunther and H. Krienke, “Remnant”, *New International Dictionary of the New Testament Theology*, 1978, 3:250, Grand Rapids, Zondervan Pub. House, 1986, pág. 250.
7. Hasel, *Interpreter's Dictionary*, pág. 736.
8. Joachim Jeremias, *New Testament Theology*, Londres, S.C.M. Press, 1971, págs. 171 e 172.
9. B. F. Meyer, “Jesus and the Remnant of Israel”, *Journal of Biblical Literature*, 84, 1965, págs. 126 e 127.
10. Jeremias, pág. 173.
11. Hasel, *Interpreter's Dictionary*, pág. 736.
12. Meyer, *Op. Cit.* pág. 127.
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*
15. Hasel, *Op. Cit.*, pág. 736.
16. Gunter and Krienke, pág. 251.
17. *Ibid.*
18. Hasel, *International Standard Bible Encyclopedia*, pág. 134.
19. Gunther and Krienke, pág. 252.
20. *Ibid.*, pág. 253.
21. John Sweet, *Revelation*, Londres. S.C.M. Press, 1979, pág. 205.
22. Gunther and Krienke, págs. 247-254.
23. No Novo Testamento, a palavra *leimma*, “remanescente”, ocorre somente uma vez (Rom. 11:5). O adjetivo *loipos* ocorre 55 vezes. A forma mais comum é *kataleipo* (S. Mat. 4:13; 19:5). A seguinte aparece uma vez: *dialeipo* (S. Luc. 7:45); O “remanescente” é especificamente denotado por *kataloipoi*, *leimma* e *hypoleimma* (Atos 15:17; Rom. 11:5; 9:27).
24. J. Massyngberde Ford, *Revelation*, Nova Iorque, Doubleday, 1975, pág. 200.
25. Sweet, pág. 195.
26. *Ibid.*, pág. 203.
27. G. R. Beasley-Murray, *The Book of Revelation*, Londres, Oliphants, 1974, pág. 206.

O valor da boa comunicação

DR. LUÍS SCHULZ

Diretor da ADRA na Divisão Sul-Americana

Quando a comunicação é interrompida, a atividade organizada cessa e a organização desmorona. A comunicação é a substância das atividades de nossa Igreja, porque como tal devemos comunicar uma mensagem ao mundo: as boas-novas de salvação.

Muitos livros foram escritos sobre a comunicação. As Sagradas Escrituras também trazem abundantes conselhos, estabelecendo as bases divinas para uma correta comunicação dos seres humanos com seu Criador, e entre si. Uma das consequências do pecado, de maior transcendência e impacto negativo no ser humano, tem sido a perda do benefício de gozar essa comunicação fluida e direta com Deus.

Somente no livro de Provérbios encontramos mais de cinquenta passagens relacionadas com esse tema.

A origem de todas as coisas é encontrada no princípio, no ato da criação divina, segundo o livro do Gênesis 1:3: "E disse Deus...".

Desde o princípio de nossa existência, nossa primeira atividade como seres humanos se resume a um ato de comunicação: o primeiro choro infantil, com o qual iniciamos a vida. Através do choro, comunicamos que estamos desconfortáveis, protestamos pela rápida separação daquele meio ambiente que durante nove meses nos acolheu.

Ainda no livro do Gênesis, capítulo 11, encontramos registrado um fato que ilustra a importância e a transcendência da comunicação. Os que desejavam esquecer a seu Criador e desprezar Seus conselhos e orientações, decidiram estabelecer-se em uma cidade na planície de Sinar, às margens do Rio Eufrates, estabelecendo ali uma organização, e colocar em prática o

mais ambicioso projeto de obras públicas que até então fora empreendido: construção não somente de uma cidade que se converteria na metrópole de um império universal, mas também uma magnífica torre que deveria alcançar os Céus, como um monumento ao poder e à sabedoria de seus construtores, a fim de perpetuar sua fama através de gerações.

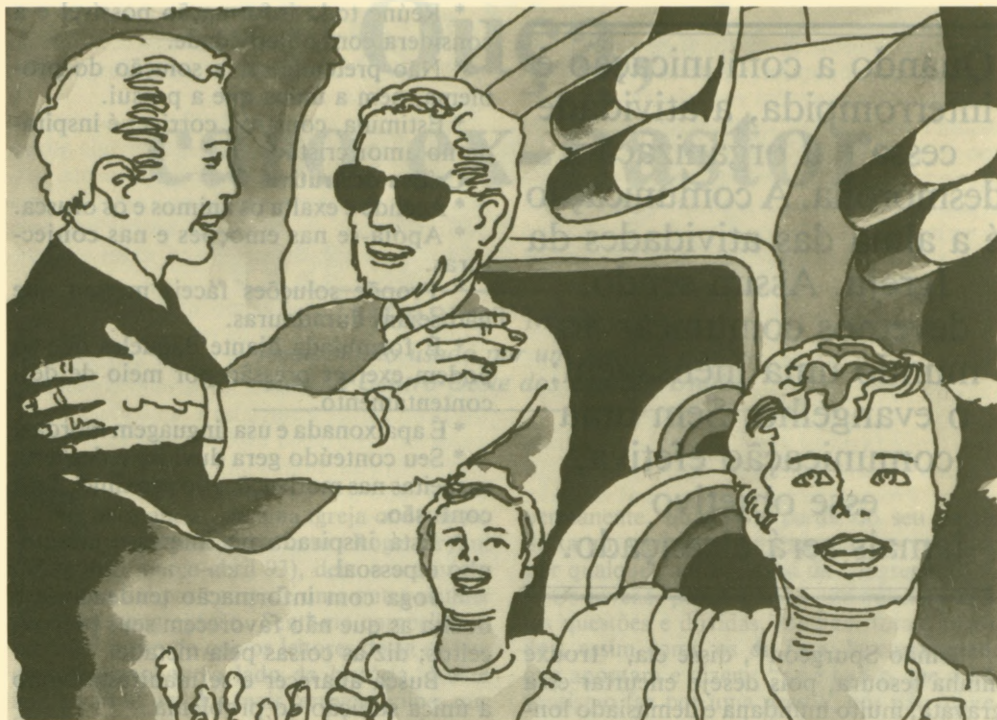
"Todo aquele empreendimento destinava-se a exaltar ainda mais o orgulho dos que o projetaram, e desviar de Deus a mente das futuras gerações e levá-las à idolatria" (*Patriarcas e Profetas, pág. 113*).

A construção da torre avançava. Já havia alcançado uma grande altura, e o povo regozijava-se em seu êxito. De repente, a obra que havia estado avançando foi interrompida e jamais foi terminada. Deus confundiu as línguas dos capatazes e obreiros. Isso produziu confusão e consternação. O projeto da Torre de Babel permanece, desde então, como um símbolo da ruptura da comunicação entre os homens.

Quando a comunicação é interrompida, a atividade organizada cessa e a organização desmorona. A comunicação é a alma das atividades da Igreja. Assim sendo, devemos comunicar ao mundo uma mensagem: o evangelho. Evidentemente, sem uma comunicação efetiva, nosso objetivo de compartilhar essas boas-novas jamais será alcançado.

Falta de comunicação

No dia 28 de janeiro de 1986, juntamente com milhões de outros espectadores espalhados ao redor do mundo,



Juarez

observamos o lançamento da nave espacial *Challenger*, transformando-nos em testemunhas oculares da maior catástrofe relacionada com as atividades espaciais. A conclusão a que chegou a comissão investigadora das causas do acidente, foi a de que tudo poderia ter sido evitado. A causa principal do desastre foi a falta de comunicação entre os dirigentes do programa e seus subalternos.

Pergunto-me, às vezes, se não estaremos corporativa ou individualmente empenhados em construções de “torres” (programas, planos e projetos), cujos propósitos se assemelham mais aos dos babilônios. Deus frustrou o propósito dos construtores da torre e colocou por terra o monumento de sua ousadia, de seu orgulho e loucura. Mas os homens hoje seguem o mesmo caminho. Há construtores de torres ainda em nossos dias.

Necessitamos de uma maior e mais eficaz comunicação. Somos todos membros de um só corpo (I Cor. 12:12). No entanto, devemos ser muito cuidadosos com certo tipo de “comunicação” que, na verdade, é uma interferência na comunicação harmoniosa. Refiro-me à crítica.

Três elementos

Para que haja uma boa comunicação, é necessária a presença de três elementos básicos: mensagem, transmissor e receptor. Em algumas vezes o transmissor pode sofrer alguma interferência e a mensagem não chega com a devida clareza ao receptor.

Certa vez um soldado persa estava ocupado em deslustrar a reputação de Alexandre, o Grande, chefe supremo de seus inimigos. Um capitão que o ouviu, fez uma admoestação: “Soldado, você está sendo pago para lutar nobremente contra Alexandre, não para manchar sua reputação”. Do mesmo modo, fomos chamados para lutar com nobreza, em oração e com simpatia cristã, não contra a pessoa do nosso irmão, mas contra o que motiva seus defeitos.

Spurgeon usava, numa determinada ocasião, uma gravata longa, vistosa e colorida, muito de acordo com a moda na época. Depois da pregação, aproximou-se dele uma senhora, aparentemente muito devota, mas excessivamente preocupada em descobrir defeitos nos demais.

Quando a comunicação é interrompida, a atividade cessa e a organização desmorona. A comunicação é a alma das atividades da Igreja. Assim sendo, devemos comunicar ao mundo uma mensagem: o evangelho. Sem uma comunicação efetiva, esse objetivo jamais será alcançado.

“Irmão Spurgeon”, disse ela, “trouxe minha tesoura, pois desejo encurtar essa gravata, muito mundana e demasiado longa para um pregador do evangelho”.

Imperturbável, o notável pregador respondeu: “Corte como quiser, senhora. Mas antes permita-me usar sua tesoura para cortar algo que a senhora tem, demasiadamente longo, e que produz um grande prejuízo ao seu testemunho cristão”. Diante da atitude surpresa da mulher, Spurgeon ordenou-lhe: “por favor, tire para fora sua língua”. A lição foi perfeitamente compreendida.

Dois tipos de crítica

Existem dois tipos de crítica: a construtiva e a destrutiva. Vejamos as características de ambas:

Crítica construtiva

- * Acalma os ânimos exaltados e os ilumina.
- * Apóia-se na razão e na lógica.
- * Propõe soluções sérias mesmo que sejam difíceis.
- * É formulada diante de quem tem autoridade para mudar a situação.
- * É séria e usa linguagem virtuosa.
- * Sempre tem conteúdo esclarecedor e não julga impiedosamente as motivações do próximo.
- * Está inspirada no bem-estar de todos, mesmo no do criticado.

* Reúne toda informação possível e a considera com objetividade.

* Não pretende ser a solução do problema, nem a única que a possui.

* Estimula, constrói, corrige; é inspirada no amor cristão.

Crítica destrutiva

* Acende e exalta os ânimos e os ofusca.

* Apóia-se nas emoções e nas conjecturas.

* Propõe soluções fáceis mesmo que não sejam duradouras.

* É formulada diante daqueles que só podem exercer pressão por meio de descontentamento.

* É apaixonada e usa linguagem mordaz.

* Seu conteúdo gera dúvidas e desperta suspeitas nas motivações do próximo. Traz confusão.

* Está inspirada no interesse mesquinho e pessoal.

* Joga com informação tendenciosa e oculta as que não favorecem seus preconceitos; diz as coisas pela metade.

* Busca aparecer e se manifesta como a única solução do problema.

* Fustiga, destrói, é inspirada no ódio e na inveja.

Cristo nos deixou um conselho para quando estejamos sendo tentados em concentrar nossa atenção nas faltas alheias, descuidando nossas próprias imperfeições: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (S. Mat. 7:3).

Se desejamos concentrar-nos no desenvolvimento de nosso próprio caráter, estaremos tão ocupados que não teremos tempo para deter-nos nos defeitos alheios, com a cizânia do jardim do coração de nosso vizinho (II Tim. 2:15 e 16).

Concluindo, desejo ressaltar um pensamento da pena inspirada: “O segredo de nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na operação harmoniosa de nosso povo. Tem de haver uma ação concentrada. Todo o membro do corpo de Cristo tem que fazer sua parte na causa de Deus, segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra as dificuldades e obstáculos, ombro a ombro, e unidos pelo coração.

“Se os cristãos agissem de comum acordo, avançando como um só homem, sob a direção de um único Poder, para a realização de um só escopo, eles abalariam o mundo” (*Serviço Cristão, pág. 75*).

Ouçã, caro ex-pastor

HERBERT MARTIN

Pseudônimo usado por um dentista que reside no Centro-Oeste dos Estados Unidos

Sou o ancião de uma igreja onde nosso pastor, tal como Roger Bryant (*Ministério* março-abril 93), deixou a atividade ministerial por causa de uma outra mulher de nossa congregação. Senti-me compelido a escrever, a fim de que os leitores desta revista considerem o outro lado da história. Nossa igreja sofreu um dos mais terríveis golpes que Satanás poderia ter engendrado, quando nosso querido pastor abruptamente deixou o ministério. Ele abandonou sua família e mudou-se com uma senhora que era líder do Departamento de Jovens. Minha reflexão está diretamente ligada à nossa desapontadora experiência local e à restauração que se seguiu.

As vítimas mais visivelmente afetadas por essa crise foram, obviamente, as famílias, incluindo crianças, que foram deixadas para trás. Imaginemos a absoluta devastação que pode representar para os membros de uma igreja, e para a própria família, a contemplação de duas crianças deserdadas assistindo a uma programação do Dia das Mães ou Dia dos Pais. Independentemente de quão forte espiritualmente seja uma pessoa, e de quão pronta seja para perdoar, essa experiência deixa cicatrizes emocionais que jamais desaparecerão.

Outras vítimas do adultério cometido por nosso pastor foram os recém-convertos. Apresso-me em dizer que os membros da igreja, mesmo os mais novos, são responsáveis pelas escolhas que fazem e não podem responsabilizar um ex-pastor por sua apostasia. Permanece, porém, o fato de que os pastores carregam uma porção significativa de responsabilidade espiritual; as pessoas olham para eles como guias espirituais. E quando os membros são decepcionados pelo pastor que os ligou às verdades de Deus, eles sentem parecer não haver mais nenhum padrão a ser seguido. Muitas vezes eles perdem o senso de companheirismo

permanente, quando a perda do seu pastor deixa um vazio que nem sempre é preenchido por qualquer outra pessoa da congregação.

Os jovens, por sua vez, vulneráveis a muitas questões e dúvidas, também foram afetados, assim como os de fora da comunidade que apontam e dizem: "se é isso o que o adventismo faz por uma pessoa, nós não queremos ter parte com ele". Enfim, a verdade é que muitas pessoas acabam afetadas pelo adultério cometido por um pastor.

Sim, caro ex-pastor, eu sei que você não se divorciou de nós, mas algumas vezes todos na igreja sentimos como se tivesse acontecido exatamente isso. Fico agradecido porque temos um Deus perdoador, que vê iguais todos os pecados. Ele olha o adultério escancarado e confesso da mesma maneira como olha os pecados secretos acariciados. Pecado é separação de Deus, e um adultério difere apenas no aspecto de que afeta a muitas pessoas.

Por que isso aconteceu?

Evidentemente qualquer pessoa, pastor ou leigo, pode cometer um pecado quando deixa de olhar para Cristo e passa a contemplar-se a si mesma. Nosso ex-pastor pecou quando recusou entregar completamente a Deus os sentimentos que já não podiam ser mais controlados por ele próprio. Bem antes de cometer o ato de adulterar, ele escolheu centralizar em si mesmo as atenções, e não no Senhor. A razão pela qual tudo aconteceu pode ser resumida em uma palavra, também pecaminosa: EU.

O irmão Bryant enumera alguns fatores aos quais atribui a razão de sua queda. São pontos que devem ser lidos e relidos por todos. Eu

creio sinceramente que Deus o perdoa na medida em que se mostre verdadeiramente arrependido. Mas ninguém em tal situação pode assumir um comportamento presunçoso, como se nada tivesse acontecido. Uma atitude do tipo “não fiz nada errado”, é inadequada e somente aumenta o grau de mágoa e dor experimentadas pela congregação. Conquanto seja absolutamente verdade que a nenhuma pessoa deva ser negado um cumprimento, por oficiais de igreja, o sentimento de traição e decepção existente em uma comunidade, nesses casos, é muito profundo. E quando subitamente confrontados com a presença do transgressor, os membros freqüentemente não sabem o que fazer ou dizer. A falta que acabam cometendo, ao ignorá-lo, também não é pequena. Provavelmente até se sintam culpados por terem agido como agiram.

Diante disso, todos os “irmãos Bryants” devem ser pacientes. Deus está trabalhando conosco, assim como trabalha com eles.

Como a igreja reage

Já tive a oportunidade de presenciar oficiais de igreja agindo de modo diferente daquele que o irmão Bryant experimentou. Já vi um presidente de Associação cumprindo fielmente seu dever de encorajar e reerguer nosso ex-pastor. Vi uma amorosa igreja sofrendo a agonia de ter que desligar de seu rol de membros uma pessoa que nasceu, cresceu e foi batizada ali. A ação disciplinar não foi o primeiro passo dado para restaurar o ex-pastor e sua companheira. Mas ambos ficaram amargurados e acusadores quando confrontados com o seu comportamento adúltero. Exatamente como acontece com qualquer pessoa que cai em pecado, a disciplina não foi aceita naturalmente. Nesse caso, eles não foram chutados enquanto estavam caídos, mas consideraram como se o fossem.

Ao disciplinar alguém, a igreja não está dizendo: “você não é tão bom para continuar entre nós”; mas, antes: “você está em erro; nós o amamos e queremos que deixe o seu erro. Sua permanência nele trará conseqüências eternas profundamente lamentáveis”. Quando um membro da igreja — seja pastor ou leigo — continua em seu caminho de destruição espiritual, o precedente bíblico é a tomada de amorosa, mas firme providência. Desafortunadamente as pessoas envolvidas com o pecado de adultério tendem a

fazer qualquer coisa para defender seu estilo de vida, indiferentes aos conselhos dados por cuidadosos e amorosos irmãos.

Eu imagino que o irmão Bryant esteja desligado da igreja, e muito do que ele fala atinge em cheio o alvo. Necessitamos, realmente, não apenas de um programa de recuperação, mas de um sistema de constante aconselhamento para as necessidades do pastor, antes que surjam as crises.

Eu lamento muitíssimo quando ouço que há um grande número de pessoas que embora amem os ensinamentos da igreja, estão se afastando de sua comunhão. Se permanecerem dentro dela, serão alcançadas e ajudadas. Como resultado, crescerão espiritualmente e contribuirão para que outros também cresçam. Abandonar tudo não é a melhor saída. Felizmente o irmão Bryant encontrou uma cuidadosa congregação. A igreja que foi abandonada pelo nosso ex-pastor também é assim, e somente reagiu de outro modo em virtude da intensidade de sua decepção.

O que pode ser feito

Gostaria de apelar a todos os ministros e líderes no sentido de examinarem francamente sua vida conjugal. Há muitos relacionamentos que apenas têm a aparência de harmonia, mas estão destroçados. Por favor, sejam honestos o suficiente para admitir que há problemas, e então busquem a necessária ajuda. Pela graça de Deus, nunca é tarde para corrigir.

Outrossim apreciaria perguntar ao irmão Bryant se ele já considerou a possibilidade de fazer uma confissão pública diante daqueles aos quais frustrou com seu adultério. Em seu artigo, senti que deseja retornar, mas isso deve ser motivado por um verdadeiro e sincero arrependimento. Considere o irmão Bryant a magnitude da ferida feita em sua antiga congregação, e a cura que terá lugar quando efetuar uma confissão pública do seu pecado. A questão não é racionalizar e procurar justificar o ato, mas dizer: “irmãos e irmãs, pequei contra Deus e contra todos vocês. Por bondade, perdoem-me”.

Testemunharemos a redenção de muitos ex-membros, quando ex-pastores corajosamente se levantarem para fazer essa confissão. Muito amor e abundante perdão serão o resultado de uma tal atitude.

Desafiando a continuidade da História

GEORGE KNIGHT

Professor de História da Igreja na Andrews University Berrien Springs, Michigan



Wanderley

Que pontos em comum possuem entre si o marxismo e o adventismo? Usando as palavras do apóstolo Paulo, eu diria: “muitos, e de muitas maneiras”. E, embora não seja o propósito deste artigo examinar as “muitas maneiras” nas quais eles se assemelham, tomaremos dois significativos relacionamentos que podem ser incluídos nos “muitos” pontos semelhantes.

O marxismo é um movimento escatológico que reflete uma grande porção de conteúdo cristão. Ele começa como um movimento com uma missão global de anunciar uma era de paz e igualdade social, por meio da pregação de sua própria versão de “boas-novas”. De início, deve ser posto bem claro que a razão pela qual o marxismo odeia o cristianismo é que em lugar de serem oponentes, são rivais. Possuem seus próprios profetas, suas próprias escrituras, seus rigorosos códigos de ética, bem como sua própria visão escatológica do planeta Terra.

O marxismo sempre esteve competindo com o cristianismo na disputa pela mente humana. Sempre lutou pela vitória, através de sua própria visão do “grande conflito”.

Gerações de jovens idealistas sempre ficaram entusiasmados pela mensagem essencial marxista, ou seja, a de que todos devem fazer “tudo o que puderem em favor do bem-estar geral da sociedade”. Assim, os indivíduos colocariam o máximo na panela

coletiva, enquanto tirariam dela apenas o necessário. Na sua melhor interpretação, esse conceito está bem próximo do coração da ética cristã e judaica.

Uma razão por que Karl Marx desprezou o cristianismo é que ele o viu como um caminho inadequado para a bem-aventurança milenar. Pior! O cristianismo foi uma enganosa mentira. Prometeu a verdade, mas tornou-se uma decepção. Por exemplo, em vez de operacionalizar os valores cristãos, o cristianismo Ocidental, diz Marx, enalteceu a sobrevivência da lei do capitalismo, e tornou-se um instrumento de controle das massas, nas mãos dos poderosos. Por conseguinte, Marx considerou o cristianismo o “ópio do povo” — uma maneira de levá-lo a engolir o remédio da opressão. Para ele, o cristianismo tornou-se o anticristo.

Marx e seus seguidores descobriram sua própria “verdadeira filosofia” — sua própria religião, suas avenidas para a salvação, e sua própria estrada para o reino milenar. Suas crenças impeliram missionários através de todo o mundo. Por essa razão, o marxismo não deveria ser visto como um sistema econômico, mas como uma filosofia escatológica na qual o socialismo econômico foi um aspecto essencial.

A escatologia marxista foi construída sobre a filosofia de George Wilhelm Friederich Hegel, especialmente a sua tríplice dialética, cuja filosofia histórica seguia uma progressão através da oposição de forças contrárias. Isto é, a cada idéia ou tese deveria contrapor-se uma outra, formando uma antítese. O resultado disso seria uma nova resolução ou síntese. Essa nova síntese deveria, por sua vez, tornar-se uma tese que seria contrariada por uma nova antítese, que formava uma nova síntese, e assim por diante. Para Hegel, a História era progressiva e dinâmica. Ela fluía do ponto A para o B, para o C, etc.

Todavia, Marx, em sua adaptação do Hegelianismo, estabeleceu que a dialética poderia ter um fim. A síntese final culminaria com a ditadura do proletariado, quando os ideais de igualdade social seriam finalmente concretizados em todo o mundo, seguindo-se um tempo de paz e prosperidade para todos. A era do opressor passaria para sempre. O reino milenar marxista seria estabelecido.

Mas esse sonho escatológico falhou. Por quê? O que havia de errado com esta fórmula do tempo do fim?

Essa não é uma questão fácil de responder. Antes de iniciar meus estudos doutorais, sentindo uma certa frustração com a igreja e minha própria vida pessoal, afastei-me do ministério e estava determinado a deixar também a igreja e o cristianismo. Mas eu necessitava de uma resposta para a vida. Assim, dediquei-me ao estudo das filosofias sociais. Fiquei então fascinado pelas doutrinas revolucionárias que estava absorvendo. Eram teorias muito bonitas, estruturadas sobre os melhores valores humanos.

Mas ao fim de alguns anos de estudos, fui forçado a enfrentar uma dura questão: “É tudo tão bonito; mas por que não funciona?”

Minha resposta é que o espírito socialista revolucionário, marxista ou não, não leva em conta a verdadeira natureza da humanidade e o problema do pecado.

Soa muito bom para os idealistas de visão cor-de-rosa dizerem que todos devem colocar o máximo que puderem e tirar o que necessitam. Todavia, na prática, as pessoas tiram o máximo possível, e colocam o mínimo possível. Assim, o socialismo marxista falhou.

Mas ele foi estruturado sobre uma boa doutrina, pelo menos em parte. Muitos fanáticos conservadores americanos ficam chocados quando se voltam para o Céu e encontram um Deus atuando como socialista. Ele não pode ser um capitalista. O vigor funcional do capitalismo está baseado sobre a compreensão da verdade do egoísmo humano — conseguir tudo o que seja possível, a expensas de outrem. Esta doutrina está apelando ao povo comum, enquanto o capitalismo age em uma sociedade pecaminosa, mesmo sendo pesadamente regulado pelo socialismo que o impede de ser excessivamente brutal. A força motriz do capitalismo é maximizar lucros à custa do trabalho. Isto é uma espécie de sobrevivente da doutrina da economia adaptada que alcançou seus dias de glória na mesma época do darwinismo e do socialismo darwinista.

Na verdade, nem capitalismo nem socialismo funcionam em um mundo caído. O socialismo necessita ser apoiado por incentivos capitalistas para fazer o povo trabalhar; enquanto o capitalismo necessita ser suavizado pelo humanitarismo socialista. O problema real para o capitalismo, é que enquanto ele capta os princípios econômicos de cunho espiritual, atua com instrumentos materiais — subestima a natureza humana e os efeitos do pecado. Não atingiu o alvo do problema humano e, assim, falhou clamorosamente. O marxismo falhou em não levar em conta o obstinado poder dos interesses, tanto de líderes como de liderados.

A falha e o adventismo

Há um outro grande ponto de semelhança entre o marxismo e o adventismo: a tentação de menosprezar a influência da natureza humana pecaminosa e dos interesses pessoais. Eu não disse *ignorar*, mas *menosprezar*.

A esta altura, deveríamos dizer uma palavra a respeito da visão que o adventismo tem de si mesmo como uma força remanescente profética, na História do mundo. Semelhante ao marxismo, o adventismo encontra suas raízes, e propósito, na esperança de um brilhante porvir; movendo-se para o fim da História humana e anunciando o estabelecimento do Reino de Deus — a solução final, a síntese dialética final. Tal objetivo também impulsiona missionários aos confins da Terra.

Há, no entanto, uma grande diferença escatológica. No marxismo, o reino será estabelecido através do esforço humano. O adventismo, naturalmente, com sua visão bíblica, não pode acatar esse ponto de vista, acerca do fim da História. A solução adventista não é humanística, mas deística. É o esforço de Deus, não o da humanidade, que resultará no estabelecimento do reino. Mas, nesse ponto, a Teologia adventista se torna freqüentemente pouco clara. Afinal, não está Deus dependendo de que a Igreja pregue as três mensagens angélicas, incluindo o evangelho eterno “a toda nação, tribo, língua e povo” (Apoc. 14:6)? E não é o último grande sinal do tempo do fim, a pregação deste “evangelho do reino ... a todo o mundo, em tes-

temunho a todas as nações, e então virá o fim” (S. Mat. 24:14)? Não têm os adventistas crido que a vinda do Senhor aguarda a fidelidade de Seu povo remanescente dos últimos dias na Terra?

Resumindo, não temos nós, como adventistas, de alguma forma feito com que uma solução divina dependa de uma realização humana? E se é assim, não estaríamos nós com a tendência de enveredarmos pela falha que destruiu o milenarismo marxista? Eu não estou dizendo que a Teologia adventista do sétimo dia está errada, ou que devemos parar nossas atividades missionárias, mas estou sugerindo que nós deveríamos reexaminar o passado, o presente e o possível futuro do adventismo.

Isto nos leva de volta ao estágio de secularização da Igreja a respeito do qual já escrevi nesta revista, edição jan./fev. de 92. Naquele artigo mostrei que as igrejas, iniciam como um movimento reavivamentista, amadurecem, mas sucumbem a um processo de secularização. Assim, repetidamente através da História, nós encontramos que movimentos de reavivamento e reforma, outrora vitais, se transformaram em denominações que estão freqüentemente preocupadas com a manutenção de sua própria existência e suas tradições. O artigo também aponta que há forças sociológicas posicionadas contra a continuidade da reforma vital, tornando impossível a que movimentos religiosos mantenham sua intensidade original e determinação missionária.

As vésperas de seu 150^o aniversário, o adventismo parece estar se movendo na mesma estrada com outros movimentos religiosos provenientes da Reforma Wesleyana. Cada um deles entrou num processo de secularização que os colocou fora do seu curso missiológico, por volta dos 150 anos de existência. É de crucial importância compreender que nenhum dos grandes movimentos religiosos na História do Cristianismo escapou vitorioso desse processo. Nenhum interrompeu o processo da História. Nenhum, em termos marxistas, finalizou a dialética.

E por quê? A resposta parece achar-se, como eu sugeri em meu artigo anteriormente referido, na dinâmica da natureza humana, incluindo os problemas de motivações e interesses divergentes entre indivíduos e segmentos institucionais da Igreja. Esses problemas não apenas desviaram

o marxismo e os movimentos tradicionais cristãos, mas podem compreensivelmente desviar o adventismo. Pelo menos, eu não vejo razões empíricas para crer de outra forma, diante de uma igreja em vias de superinstitucionalizar-se, superburocratizar-se, e que está cada vez mais ameaçada pelo perigo de identificar-se com o reino do mundo.

Uma falha de percepção da obstinação da natureza humana e sua insuficiência diante de questões cósmicas, finalmente desfez o sonho marxista. Porventura, não existe a *possibilidade* de que essa mesma influência cobre seu tributo ao adventismo? Ou, colocando a questão de uma outra forma: têm os adventistas *garantida* a vitória final, exatamente da maneira como eles têm ensinado?

Provavelmente não. Uma das grandes falhas dos judeus do primeiro século foi a crença que o Deus dos Céus era algo dependente deles. Eles haviam cuidadosamente lido o Velho Testamento e corretamente concluído que a principal linha das profecias messiânicas ensinava que Cristo deveria vir como um poderoso rei na seqüência do vitorioso Davi; que um milênio terrenal seria estabelecido e que os fiéis de todo o mundo viriam para Jerusalém prestar homenagem a Jeová; e que o Messias deveria conquistar os inimigos de Israel.

O ponto a ser lembrado é que os primeiros judeus tiraram conclusões corretas das profecias. De Isaías a Malaquias o tema de um Israel vitorioso e um milênio terrestre domina a literatura profética. Sob este ponto de vista, não surpreende que os judeus tenham rejeitado a Jesus chamado Cristo. Deve ser admitido que Jesus foi um Cristo que destoava da ênfase principal das Escrituras do Velho Testamento. Muitos de nós, se vivêssemos naquele tempo, teríamos chegado às mesmas conclusões, adicionadas à arrogância de que Deus era dependente do remanescente literal judeu.

Os judeus do primeiro século esqueceram-se de duas coisas: 1) a natureza humana, e 2) o direito de Deus ser Deus, a despeito das falhas humanas. Eles se esqueceram de que as promessas proféticas estavam inseridas em um relacionamento de concerto; um relacionamento que promete bênçãos *se* e apenas *se* o povo de Deus permanecer-Lhe fiel. Os

judeus se esqueceram do grande *se* do concerto. “Se atentamente ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os Seus mandamentos que hoje te ordeno, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra” (Deut. 28:1). “Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus. . . então virá todas estas maldições sobre ti, e te alcançarão:” (v. 15).

Deus fizera tudo o que poderia ter feito por Seu remanescente, mas ele não Lhe respondeu em sincera lealdade. A natureza humana sobressaiu, e ele se esqueceu de que Deus era independente dele. Muitos judeus da Era do Novo Testamento criam que Deus dependia deles para o estabelecimento do Seu reino messiânico. “Se Israel guardasse dois sábados de acordo com as suas leis, seria redimido imediatamente”;² criam alguns rabis. “Se”, criam outros, “Israel se arrepender algum dia, o Filho de Davi viria imediatamente. Se Israel guardar corretamente os sábados, o Filho de Davi virá imediatamente.”

“Mas”, Jesus os advertiu, “você erraram o alvo. Não compreendem o significado de um relacionamento de concerto. Entretanto, Deus pode suscitar filhos de Abraão destas pedras, se for necessário”, parafraseando S. Mat. 3:9. Que Deus não depende de seres humanos, foi a mensagem de Cristo. Deus poderia ainda ser Deus. Poderia ainda agir independentemente, para alcançar Seus propósitos.

Em virtude da falha do remanescente judeu, Deus alterou Suas promessas escatológicas e colocou em ação o plano messiânico número dois. Esse plano estava entretido em passagens tais como Isaías 53 e Salmo 22, as quais não foram nem mesmo percebidas como sendo messiânicas. O plano número dois não apresentava a vitória de um judeu, mas um servo sofredor e rejeitado;⁴ um Messias a quem os judeus não poderiam reconhecer, em virtude de sua fixação na própria vitória e na suposta dependência de Deus deles mesmos e de suas ações. Assim, embora eles ensinassem uma doutrina bíblicamente correta, a primeira vinda de Jesus surpreendeu aqueles estudantes das profecias. Eles foram passados por alto, e Deus suscitou a Igreja Cristã para completar a missão dos judeus no mundo.

A Igreja Cristã é também um povo do concerto. O povo de Deus do Novo Testamento ainda está num relacionamento baseado no *se/então* das promessas de Deus. Ainda necessita lutar contra a fragilidade e o egocentrismo da natureza humana. Deve ainda reconhecer o fato de que Deus pode ser Deus e agir independentemente para conduzir a um fim os negócios do mundo, em Sua própria maneira, se a Igreja perder sua integridade missiológica.

Eu gostaria de sugerir que como adventistas nós deveríamos conservar nossos olhos abertos para a possibilidade de que Deus tenha um plano número dois para o fim da Era Cristã, assim como aconteceu na primeira vinda de Cristo. Necessitamos atentar para a possibilidade de que mesmo nossa observância do concerto não tenha feito Deus dependente da fidelidade humana. Segurança profética reside na absoluta certeza do primeiro e segundo adventos de Cristo, antes que em qualquer secundária promessa a respeito desses eventos, ou qualquer meio especificamente humano de conduzir-nos a eles.

Em meados de 1960, quando participava de um seminário, enquanto lia o livro *Mensagens Escolhidas*, encontrei uma passagem segundo a qual “Deus empregará instrumentos cuja origem o homem será incapaz de discernir; os anjos farão uma obra que os homens poderiam haver tido a bênção de realizar, não houvessem eles negligenciado atender aos reclamos de Deus.” Geralmente nos fixamos apenas na primeira parte da declaração, negligenciando a linguagem *se/então* do plano número dois implícito na segunda parte. Ellen White disse mais: “Nada podemos fazer sem a bênção de Deus, mas Ele pode fazer Seu trabalho sem o auxílio humano, se assim escolher.”⁸

“Há uma deplorável falta de espiritualidade entre nosso povo”, ela escreveu posteriormente, acrescentando que “a glorificação própria tornou-se comum entre os adventistas do sétimo dia, e a menos que a soberba humana seja abatida e Cristo exaltado, nós não estaremos, como um povo, em melhores condições de recebê-Lo em Seu segundo advento do que os

judeus estavam na época da Sua primeira vinda.”⁹ Noutra declaração, ela sugere que a grande crise pode surpreender os adventistas do sétimo dia, como um ladrão,¹⁰ e ainda em outro lugar adverte que se a Igreja não é fiel a Deus, ela pode ser desviada de seu trabalho, “seja qual for sua posição”.¹¹ Finalmente, uma lição tirada da História: “Por não haverem cumprido o propósito de Deus, os filhos de Israel foram abandonados e o convite divino foi estendido a outros povos. Se estes também se provarem infiéis, não serão da mesma maneira rejeitados?”¹⁰

Da perspectiva de Ellen White, Deus não fez qualquer garantia de imunidade à Igreja Adventista. “Na balança do santuário a Igreja Adventista do Sétimo Dia está sendo pesada. Ela será julgada pelos privilégios e vantagens que recebeu. Se sua experiência espiritual não corresponder às vantagens que Cristo, a um custo infinito, lhe outorgou, se as bênçãos que lhe foram conferidas não a qualificaram para fazer o trabalho que lhe foi confiado, sobre ela será pronunciada a sentença: ‘achado em falta’. Pela luz concedida, pelas oportunidades que lhe foram dadas, ela será julgada.”¹¹

Assim, Ellen White aludiu à possibilidade de falha adventista. Em 1883, ela escreveu: “Devemos lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.”¹²

Depois de encontrar insinuações como estas, de futuros escatológicos alternativos, nos escritos de Ellen White, eu comecei a ler a Bíblia em busca de uma visão escatológica neotestamentária que apoiasse isso e que, como o plano número dois do Velho Testamento, pudesse ser interpretada mais claramente ou até diferentemente, após a ocorrência dos fatos.

O primeiro texto que veio a minha mente foi S. Luc. 17:26-30: “Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos. O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do Céu fogo e enxofre, e destruiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do homem Se manifestar.”

Há duas maneiras de interpretar essa passagem escatológica. A primeira é segundo a perspectiva divina, conforme refletida em Gên. 6:5. Falando dos dias de Noé, é dito: "Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado sobre a Terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração." Desse ponto de vista, o comer, o beber e o casar-se tornaram-se degenerados sinais do fim dos tempos.

Mas há uma outra perspectiva em S. Luc. 17: a interpretação humana do que aconteceu nos dias de Noé e Ló. Seus contemporâneos estavam comendo, bebendo, casando, comprando, vendendo e construindo até o dia de sua destruição. Noutras palavras, a vida parecia correr normalmente. "Assim será também nos dias do Filho do homem." Portanto, parece que nós deveríamos admitir pelo menos a possibilidade de que esse dia possa vir como um ladrão, para os modernos estudantes das profecias, se as condições do concerto forem desconsideradas.

Jesus advertiu: "... porque à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá."

Esta hora é hoje e amanhã. É um tempo para o qual os adventistas podem não estar preparados, se não considerarem a possibilidade de um plano escatológico número dois.

Lições para o adventismo

O que podemos concluir de tudo isso? Bem, eu poderia até sugerir que o fim definitivamente acontecerá de um modo diferente daquele que os adventistas têm ensinado sempre. Mas, parece necessário concluir que devemos admitir a *possibilidade* de que, primeiramente, Deus pode colocar um ponto final nos eventos da História de maneira diferente daquela prometida, se as condições de fidelidade do concerto não forem cumpridas por Seu povo. Em segundo lugar, Deus ainda assim, reserva o direito de ser Deus; e, em terceiro lugar, Ele não é mais dependente do Israel espiritual, hoje, do que o era em relação ao Israel literal no passado.

Além disso, uma outra possível conclusão é que se o adventismo espera completar sua missão histórica, terá de lutar contra as forças sociológicas da História que finalmente levaram o marxismo ao fracasso, e afastaram outros organismos cristãos

de seu curso missiológico, ao fim dos seus 150 anos. O fator humano, expresso em realidades tais como tendências seculares e de interesses que impedem uma reforma radical, de alto a baixo, na estrutura institucional e organizacional adventista; e motivações divergentes entre clérigos e leigos, somente podem ser superados mediante conscienciosos, heróicos e contínuos esforços por reforma e revitalização. E isso somente é possível através de uma entrega pela fé, diária, ao Deus do concerto.

O adventismo precisa assumir seu sentido individual e coletivo, se quiser manter o significado de sua existência.

E, se alguém perguntar: "O que acontecerá se o adventismo falhar em assumir o sentido de sua dependente, condicional e finita posição?" Então Deus ainda será Deus, tal como a natureza humana será natureza humana. Ele não está limitado em poder ou dedicação para executar Seus planos.

Referências

1. Nesse ponto é importante reconhecer que os termos "socialismo" e "capitalismo" são usados neste artigo como princípios econômicos abstratos desenvolvidos por filósofos de vendas. Portanto, o significado básico do capitalismo e socialismo não deve ser confundido com qualquer expressão presente ou passada daquelas filosofias na vida real.

Muitas pessoas têm conspurcado a distinção entre as práticas americanas e os supremos ideais do Reino de Deus. Tais pessoas devem ficar surpresas ao descobrirem que Deus não é americano, nem europeu, tampouco o chefe de uma democracia terrestre.

Os elevados princípios do Céu não devem ser confundidos com as necessidades econômicas e políticas de uma terra pecaminosa, na qual nenhum grupo ou pessoa pode confiar, e onde o pecado impulsiona indivíduos e nações à busca e satisfação de interesses deformados.

2. Talmude babilônico, *Shabbath*, 118 b.
3. Talmude de Jerusalém, *Taanith*, 64.
4. A presença de escatologias alternativas no Velho Testamento não nos leva a desprezar a necessidade do sacrifício substitutivo de Cristo, sob nenhuma forma. Esse sacrifício é central para o Velho Testamento, sendo primeiramente aludido em Gênesis 3 e 4; e posteriormente salientado nos serviços do santuário.
5. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 118.
6. _____, *Testimonies*, vol. 5, pág. 736.
7. *Ibidem*, págs. 727 e 728.
8. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 414.
9. _____, *Olhando para o Alto*, (Meditações Matinais, 1983), pág. 125.
10. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 304.
11. _____, *Testimonies*, vol. 8, pág. 247.
12. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 67.

Evangelismo em tempo de Missão Global

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial associado da
Divisão Sul-Americana

Neste artigo, o autor analisa o Evangelismo em todos os seus aspectos — origem divina, métodos e estratégias, — e como os evangelistas devem enfrentar as dificuldades para ocupação de espaço, num mundo saturado dos mais diversos tipos de mensagens.

Evangelho, evangelização e evangelismo não são exatamente a mesma coisa, embora sejam coisas intimamente relacionadas entre si. Para entendermos o que seja evangelismo, é necessário que tenhamos bem claro o conceito de evangelho e evangelização.

A palavra evangelho é encontrada 72 vezes em todo o Novo Testamento, das quais 52 nos escritos do apóstolo Paulo. O termo vem do grego *evanguélion*, que literalmente significa “boas-novas”. Estudos históricos do termo indicam que entre os antigos gregos a palavra *evanguélion* era usada para “boas notícias de campos de batalha”. A notícia poderia chegar por via marítima, por um mensageiro montado em um cavalo, ou a pé, e era proclamada na cidade que esperava ansiosa pela novidade. O mensageiro que a trazia era o *evanguélos*, ou seja, o “mensageiro sagrado”.

A versão Septuaginta das Escrituras Sagradas, algumas vezes transmite a idéia de um corredor ou batedor que traz a notícia da vitória.

Mas o evangelho é muito mais do que

boas-novas. Jesus em pessoa é o evangelho. Ele é tudo o que ele mesmo ensinou com relação à salvação do ser humano. Para fins práticos, podemos resumir o evangelho em quatro frases: Jesus veio ao mundo para buscar e salvar o que se havia perdido — o histórico do evangelho. Jesus morreu por nossos pecados — o sentido soteriológico do evangelho. Jesus ressuscitou — o sentido de boas-novas do evangelho. Jesus voltará — o sentido escatológico do evangelho.

Evangelização é a ação de evangelizar. A palavra é usada em seu sentido tipicamente bíblico em Salmos 92:2, onde é traduzida como “anunciar” o amor de Deus; em Isaías 52:7 aparece como “proclamar a salvação”; e em Isaías 60:6, como “proclamar o louvor do Senhor”.

Nos dias do profeta Eliseu, uma cidade israelita estava sob cerco. Todo suprimento de alimentação havia sido cortado pelos exércitos inimigos. O povo estava faminto.

Uma noite, quatro esmoleiros leprosos fora da cidade decidiram arrojarem-se à misericórdia dos soldados inimigos, na esperança de conseguirem um bocado de pão. Eles precisavam arriscar-se. Sua condição era desesperadora. Estavam fadados à morte. Não havia outra esperança de sobrevivência. Para sua surpresa, eles descobriram que os soldados haviam fugido misteriosamente. Inicialmente os leprosos desfrutaram do abundante alimento deixado para trás, mas logo lembraram-se de seus compatriotas dentro da

cidade. Correram e bateram nos portões, anunciando a todos que havia fartura de alimento à disposição de quem o quisesse (II Reis 7).

Um autor famoso, D. T. Niles, definiu evangelização nos seguintes termos: “um mendigo dizendo a outro mendigo onde este pode conseguir alimento”. Quando aqueles leprosos resolveram entrar na cidade e anunciar as boas notícias de que já havia pão suficiente para matar a fome, eles fizeram exatamente aquilo que temos de fazer com o mundo espiritualmente faminto.

A técnica da evangelização é ação — ação que realiza. A palavra **evangelizar** é diferente da palavra **pregar**. Nem toda pregação pode ser evangelização. A idéia fundamental da evangelização é passar o evangelho para alguém, de tal maneira que a pessoa fique envergonhada por ele. Que o evangelho forme parte de sua vida. Mero proselitismo ou comunicação dos preceitos de determinada igreja não é evangelização.

A palavra evangelismo, por sua vez, não é encontrada no Novo Testamento. Naturalmente, ela torna possível a ação de evangelizar. O sufixo *ismo* denota sistema. Assim, evangelismo envolve princípios, métodos, estratégias e técnicas empregadas na ação de evangelizar.

Alguém já definiu o evangelismo como o sistema baseado em princípios e técnicas tiradas da Bíblia, pelos quais se comunica o evangelho de Cristo a todo pecador, sob a influência do Espírito Santo, visando persuadi-lo a aceitar a Cristo como seu Salvador pessoal e unir-se à Igreja de Deus através do santo batismo.

Notamos então que é o evangelismo que disciplina e organiza a todo este movimento operacional. O evangelismo supre a evangelização com os recursos que ela necessita para alcançar o pecador com a mensagem do evangelho.

Portanto, evangelismo não é a proclamação do evangelho — isso é evangelização —, mas todo um sistema que permite tal proclamação.

A autoria da evangelização

As raízes da evangelização estão na eternidade. O primeiro Conselho de Evangelização foi formado pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Como

autor da evangelização, o Pai a concebeu e comissionou a Seu Filho para ser o executor da salvação. Inspirou os antigos profetas a predizerem a vinda do Filho, na carne. Ordenou os sacrifícios diários da velha dispensação, para prefigurarem o sacrifício salvador do Filho. Sustentou o Filho no cumprimento da Missão. Resuscitou-O dos mortos.

O Filho também é o autor da evangelização. Embora “subsistindo em forma de Deus”, Ele “não julgou ser igual a Deus”, mas fez-Se “servo tornando-Se igual aos homens” (Fil. 2:6 e 7). Cristo proclamou o evangelho do Reino de Deus (S. Mat. 13). É o evangelista modelo. Todo verdadeiro trabalho evangelístico está centralizado nEle. Foi Ele quem deu as boas-novas, revelou as alegres notícias.

Por Sua vez, o Espírito Santo, também autor da evangelização, no Pentecostes concedeu poder a um pequeno grupo de homens frágeis, para o cumprimento da Missão. Vocaciona hoje os evangelistas para a obra que devem fazer. Abre as portas para a propagação do evangelho. Trabalha nos corações dos pecadores para que aceitem o evangelho. É o evangelista-chefe da terra, em nossos dias.

“Não é o poder que emana dos homens o que faz com que a obra tenha sucesso; é o poder das inteligências celestiais, operando através do agente humano que produz perfeição na obra. Paulo pode plantar, Apolo regar, mas Deus é quem dá o crescimento. O homem não pode fazer a parte de Deus na obra. Como agente humano pode cooperar com as inteligências divinas, fazendo a sua parte com simplicidade e humildade, tendo presente que Deus é o grande Mestre” — E. G. White, *Review and Herald*, 14/11/1893.

Métodos evangelísticos

A palavra método é oriunda da junção de dois vocábulos gregos: *meta* e *hodós*, cujo significado é “no caminho”.

Em termos práticos, método é o caminho usado para se chegar a um determinado objetivo; é a maneira de se fazer alguma coisa. No evangelismo, existem, basicamente, dois métodos: se quero atingir pessoas com a mensagem salvadora de



William

Cristo, posso fazê-lo de pessoa a pessoa, e então estarei aplicando o método **evangelismo pessoal**; ou posso fazê-lo a um grande grupo de pessoas de uma só vez. Nesse caso o método utilizado é o **evangelismo público**.

Para ambos os métodos podemos usar duas formas de raciocínio: o dedutivo e o indutivo. Argumentação dedutiva é aquela que começa do geral para o particular. No caso, o evangelista começa a falar do plano da salvação para aplicá-lo ao problema particular que o pecador está enfrentando. No Sermão da Montanha, apresentado por Jesus, e no discurso de Pedro, apresentado no Dia de Pentecostes (Atos 2), nós encontramos dois exemplos desse fato.

Na argumentação indutiva, o evangelista começa pelo problema da pessoa até chegar ao plano da salvação. Um caso típico é o diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Ele começou com os problemas da mulher: a sede, os pecados que marcavam a sua vida, e partiu para apresentar-lhe a Água da Vida.

Estratégia, por sua vez, está relacionada com o lado operacional do método. Originalmente, essa palavra tinha a ver com guerra e tratava somente de organização e planejamento das operações militares. Mas a idéia é usada para qualquer plano de ação, buscando a melhor maneira de alcançar os objetivos. Em São Lucas 9, Jesus envia Seus doze apóstolos a

pregar. O método poderia ter sido evangelismo pessoal e público simultaneamente. A estratégia foi o envio dos doze, ao mesmo tempo. Foi uma campanha.

Já no caso anteriormente citado, da mulher samaritana, segundo São João 4, o método foi evangelismo pessoal. A estratégia: Cristo planejou passar por Samaria e ficar perto do poço aguardando a chegada da mulher.

Nos dias atuais, o evangelismo executado em auditórios móveis é uma estratégia. O método é evangelismo público. Uma campanha metropolitana é uma estratégia. O método é evangelismo pessoal e público.

Ao recurso material usado para a execução do método chamamos técnica. A maneira como as pessoas são abordadas, a mensagem é esboçada; a utilização do argumento dedutivo ou indutivo, tudo isso envolve técnicas. Contar histórias no flanelógrafo para crianças é uma técnica, assim como usar *slides* numa conferência para adultos. Jesus, ao dirigir-se à mulher samaritana, começou pedindo água. Essa foi Sua técnica.

Evidentemente não há erro se chamarmos a tudo isso métodos de evangelismo. No entanto, para fins didáticos, apesar das estratégias e técnicas fazerem parte da execução do método, em termos específicos, cada parte tem seu próprio nome.

O método evangelístico pode muito bem sofrer alterações. Deus não está limitado. Ele tem várias maneiras de realizar Seu trabalho. Utiliza os melhores e mais apropriados métodos, estratégias e técnicas para cumprir Seus propósitos em cada época. Ajusta o evangelismo de acordo com o tempo e a cultura.

A Sra. Ellen G. White afirma que “não deve haver regras fixas: nossa obra é progressiva e deve haver oportunidades para os métodos serem melhorados. Alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram usados na mesma, no passado; mas não permitamos que alguém, por causa disso, ponha obstáculos no caminho mediante a crítica” — *Evangelismo*, pág. 105.

“Não nos esqueçamos de que diferentes métodos devem ser empregados para salvar diferentes pessoas.

“Os obreiros de Deus devem esforçar-se por ser homens multilaterais; isto é, devem ter amplitude de caráter. Não devem ser homens de visão acanhada, este-reotipados com uma única maneira de

trabalhar, presos aos mesmos costumes e incapazes de perceberem que suas palavras e a defesa que fazem da verdade têm que variar com a classe de gente que têm que lidar e com as circunstâncias que surgirem” — *Idem*, pág. 106.

O evangelho, porém, não muda. Pode ser apresentado de maneiras renovadas para alcançar o mundo por diferentes ângulos, mas tem sempre como centro a pessoa de Cristo e Sua obra redentora. O mundo pode ter-se modificado, o conhecimento científico pode ter aumentado, a cultura pode ter experimentado transformações, mas o coração humano não se modificou. Ele ainda é “desesperadamente corrupto” (Jer. 17:9).

O homem continua precisando de Jesus e de Seu “evangelho eterno”. O evangelho não pode mudar. Hoje ainda existem Martas e Marias, Ananias e Safiras, fariseus e publicanos, meretrizes e filhos pródigos. Existem os doentes e os sofrendores, o filho oficial do Rei, o servo do centurião, o endemoninhado gadareno, e a viúva de Naim. E em número cada vez maior. É por isso que devemos continuar pregando o mesmo evangelho, em todas as culturas, em todas as idades, a todas as nações, tribos e povos. O evangelho não muda. Ele é eterno.

Ao longo da história, houve muitos evangelistas. Cada um com seu método. Cada um com sua personalidade, mas todos pregando o evangelho eterno e imutável.

Conseguindo decisões

O Espírito Santo é o personagem indispensável no evangelismo. Ele atrai as pessoas a Cristo, convence das coisas más que devem abandonar. Também convence das coisas boas que devem fazer. Guia “a toda verdade”, dá compreensão correta das Escrituras, outorga vitória sobre o pecado. Cria o desejo e oferece poder para obediência. É por isso que devemos dar ao Espírito o primeiro lugar em tudo o que fazemos no evangelismo. Só assim veremos os extraordinários resultados que tanto esperamos.

Mas não podemos ignorar os princípios de persuasão. Até porque o Espírito Santo também age através deles. Nenhuma decisão é feita por casualidade ou aci-

dente. Tudo está regulamentado por leis estabelecidas por Deus. “Existem grandes leis que governam o mundo da natureza e as coisas espirituais estão controladas por princípios igualmente certos. Para conseguir-se os resultados anelados, é necessário usar-se os meios para esse fim” — *Testimonies*, vol 9, pág. 221.

O evangelista que não sabe como e por que se formulam as decisões na mente está, com certeza, em desvantagem. “Para conduzir almas a Jesus, é preciso ter-se certo conhecimento da natureza humana e estudar a mente dos homens” — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 453.

“Quem deseja conseguir as decisões das pessoas precisa conhecer, primeiro, acima de tudo e finalmente, os mais profundos recessos da mente deles” — Robert Oliver, *Psychology of the Persuasive Speech*, pág. 6.

Portanto, necessitamos entender que toda decisão feita é o resultado do desejo e da convicção que ocorrem na mente da pessoa. Não importa se o assunto envolvido é a escolha de determinada roupa, compra de um automóvel, ou a possibilidade de unir-se a uma igreja. Em qualquer caso, são o desejo e a convicção que levam a mente a fazer a decisão. Naturalmente, já dissemos que na decisão em favor de Cristo é o Espírito Santo que opera através do desejo e da convicção.

Consideremos então o seguinte: durante cada ano, o Brasil utiliza-se de mais de cinco milhões de toneladas de papel, o que significa que cada brasileiro, em média, consome 45 quilos de notícias impressas. É pouco provável que alguém consiga digerir tamanho volume de informação. A edição dominical do jornal *O Globo* pesa quase meio quilo e contém 300 mil palavras. Para ler tudo isso a uma velocidade de 300 palavras por minuto, seriam necessárias 28 horas. Um domingo inteiro não seria suficiente. E o que fica, depois de tudo?

Oitenta por cento dos lares brasileiros possuem pelo menos um aparelho de televisão. Quase todos os aparelhos captam no mínimo quatro canais. A família brasileira assiste em média quatro a cinco horas diárias de TV (mais de trinta horas semanais). Como o cinema, a TV é uma fotografia parada que muda 30 vezes por segundo, o que significa que a família média brasileira está exposta a cerca de

500 mil fotos televisivas a cada dia que passa. E não estamos sendo afogados somente por torrentes de fotografias, mas, também, por enxurradas de todo tipo de comunicação. A embalagem de um pacote de cereais contém 1.268 palavras.

Os caminhos da comunicação estão engarrafados. O trânsito é pesado, desorganizado e enlouquecedor. Nele misturam-se rádio, TV, videocassete, cinema, teatro, revistas, jornais, livros, cartazes, faixas, *outdoors*, etc. Quem é que vê toda essa torrente de comunicação? Há uma confusão de tráfego nos postos de pedágio da mente. Os motores estão começando a ferver. E as cabeças também.

A grande pergunta é: como chegar com a nossa mensagem a essa selva de comunicação?

É preciso reconhecer que para se defender do volume de comunicação diária, a mente do homem de nossos dias aprendeu a filtrar e rejeitar muita informação que lhe chega. De um modo geral, a mente só aceita aquilo que de certa forma coincide com o seu conhecimento ou com sua experiência anterior. Milhões de dólares têm sido desperdiçados na tentativa de mudar a mente através da propaganda. Uma vez que a mentalidade está formada, é quase impossível modificá-la. A pessoa média aceita quando lhe contam coisas que ela ignorava, mas essa mesma pessoa não admite que lhe digam que ela está errada. Tentar mudar a mente é o caminho certo para o desastre na comunicação de uma mensagem.

O que fazer então para comunicar a nossa mensagem, com sucesso, num mundo cheio de muitas vozes? O **posicionamento** é um sistema organizado para se encontrar uma janela para a mente. Posicionamento não é o que é feito com o produto, mas o que é feito na mente da pessoa que se pretende evangelizar. Ou seja, você posiciona a mensagem na mente de uma pessoa. Posicionamento não implica necessariamente mudanças, embora isso ocorra às vezes. Mas mudanças feitas no nome, na apresentação, ou na embalagem, não são mudanças feitas no produto. Nosso evangelho é eterno. O posicionamento é o primeiro sistema de pensamento que enfrenta, para valer, o difícil problema de se fazer ouvir nesta sociedade saturada de comunicação.

No mundo da propaganda, o posicio-

namento mudou a forma de apresentação da mensagem. "SBT, líder na vice-liderança", dizem os comerciais da rede de televisão de Sílvio Santos. Note bem: **na vice-liderança**. Mas o que foi feito com aquelas deliciosas palavras "o primeiro", "o melhor", "o número um"?

Hoje o que vale não é necessariamente ser o primeiro, mas ter um lugar na mente das pessoas. Mais um exemplo: *Coca-Cola* é o refrigerante preferido do público. Provavelmente nenhuma outra marca conseguirá mudar o quadro. Então, alguém toma um novo posicionamento. *Coca-Cola* pode ser a primeira. Mas guaraná combina melhor com pipoca. E, como as pessoas gostam de pipoca, uma empresa fabricante de guaraná coloca na mente do público que "pipoca, só com guaraná".

Se é impossível tirar da mente de um consumidor que *Coca-Cola* é o melhor refrigerante, o guaraná também vai se posicionar nessa mente como o único que deve acompanhar a pipoca. Com o tempo acabará ganhando a preferência.

Ocupando espaço

A essa altura, surge uma outra questão. Como colocar a nossa mensagem na mente das pessoas? O caminho mais fácil para se chegar à mente de alguém é ser o primeiro. Essa é uma realidade que não é difícil de ser comprovada. Quem é o pai da aviação brasileira? Santos Dumont. E qual o segundo nome em importância na aviação brasileira? Não é fácil responder. Todos sabemos que o primeiro médico a realizar um transplante cardíaco foi Christian Barnard. E o segundo?... A Igreja Católica é a maior igreja cristã do mundo. E a segunda?...

A primeira coisa de que necessitamos para fixar a mensagem de forma indelével na mente, não é a mensagem, mas a mente. Uma mente inocente, que jamais tenha sido tocada por outra mensagem na mesma área. O caminho mais difícil para se chegar à mente de alguém é ser o segundo. E se não somos os primeiros a chegar à mente da pessoa em perspectiva, então temos um problema de posicionamento. Em comunicação, a primeira

mensagem a marcar posição leva uma enorme vantagem. É bom ter a melhor mensagem, mas muito melhor ainda é ser o primeiro a chegar.

Felizmente há estratégias para se enfrentar o problema de ser o número dois, três, ou até mesmo o cem. Naturalmente devemos ser cuidadosos, porque as mensagens apresentadas no velho estilo tradicional de querer provar que uma coisa é melhor que a outra, já não tem mais chances de sucesso na atual sociedade supersaturada de comunicação. A igreja necessita criar uma posição na mente das pessoas. Tal posição deve levar em conta, não apenas os seus próprios pontos fortes e fracos, mas também os das outras igrejas.

A comunicação está entrando numa era onde quem manda é a estratégia. É a era do posicionamento. Já não basta inventar ou descobrir alguma coisa; é necessário ser o primeiro na mente do público. Não é suficiente ter a mensagem correta. É preciso saber posicioná-la.

Normalmente as pessoas somente vêem o que esperam ver. Se tomarmos dois desenhos abstratos, e colocarmos num deles o nome de Picasso; e, no outro, o nome de José Pereira da Silva, e então solicitarmos a opinião de alguém, é fácil prever o resultado.

Também podemos solicitar a um batista e a um adventista que leiam Gálatas 5. Cada um verá nessa leitura justamente o que coincidir com suas idéias. Então, para encontrar uma posição única, temos que ignorar a lógica convencional. Ela nos diz que o conceito das coisas é encontrado dentro das próprias coisas ou dentro de nós mesmos. Isto pode funcionar em qualquer área, mas não em evangelismo e comunicação. Aqui, o que temos de fazer é procurar o conceito das coisas no interior da mente das pessoas. O que elas querem, o que elas precisam, com o que elas sonham, o que desejam e buscam desesperadamente. O que realmente importa é aquilo que o público precisa e quer saber. Não o que queremos dizer, mas como o que vamos dizer irá ao encontro das suas necessidades interiores.

Sabemos muito bem que as necessidades básicas dos ouvintes jamais serão plenamente satisfeitas por melhoramentos sociais ou econômicos. Jesus disse:

“A vida do homem não consiste na abundância de bens que ele possui” (S. Luc. 12:15). Também sabemos que existe um vazio na vida sem Cristo. A humanidade continua clamando por alguma coisa que ela não pode identificar. Se uma pessoa ganha um milhão de dólares, não ficará satisfeita. Se ela puder condescender com o sexo e com todas as formas de sensualidade, isso também não satisfará o profundo anseio interior. As pessoas estão vazias, sem Deus.

Outra coisa a ser levada em conta é que os ouvintes, todos eles, experimentam solidão de alguma forma e em algum momento da vida. Alguns a têm chamado de “solidão cósmica”. No fundo é uma solidão de Deus. Outrossim não devemos esquecer de que os ouvintes são pessoas que carregam sentimentos de culpa. E, finalmente, lembremos de que eles possuem, de alguma forma, medo da morte e do futuro. O homem não nasceu para morrer. A morte é um intruso na experiência humana.

Aqui, a pergunta a ser feita é a seguinte: como as doutrinas que serão apresentadas ocuparão na mente do público, o lugar de solução para esses problemas comuns ao ser humano? As pessoas podem até não querer saber que o sábado é o dia do Senhor. Mas se mostrarmos o sábado como um dia de companheirismo e comunhão com Jesus e com a igreja, elas poderão identificar aí uma resposta para seu problema de solidão.

As nossas respostas, tiradas da Palavra de Deus, podem parecer simplistas, demasiado óbvias para problemas tão complicados. E, na verdade, são. A experiência tem demonstrado que a prática do posicionamento é a procura do óbvio. E o óbvio devia ser o conceito mais fácil de se comunicar porque faz sentido ao receptor da mensagem. Infelizmente, os conceitos óbvios são os mais difíceis de serem reconhecidos e transmitidos. A mente humana admira o complicado e rejeita o óbvio porque é simples demais. Mas nós temos que ir às pessoas com os conceitos óbvios do evangelismo eterno e levar respostas para as inquietudes humanas. “Para envergonhar os sábios, Deus escolheu aquilo que o mundo acha que é loucura; e, para envergonhar os poderosos, Ele escolheu o que o mundo acha fraco” (I Cor. 1:27).

A tentação de Cristo e as nossas

JOSÉ MONTEIRO DE OLIVEIRA

*Professor no Educandário Nordestino
Adventista, Belém de Maria, PE*

Ao criar, o Grande Senhor repartiu com o homem valores divinos. E após a queda do homem, Deus, em Cristo, veio experimentar espontaneamente os seus sofrimentos. O Criador desceu para conhecer a experiência da criatura, sentir a grande alegria de executar o plano de salvação, e também a rudeza dos espinhosos caminhos das tentações.

Em São Mateus 4, presenciamos vividamente o quadro dos mais ardilosos engenhos que Satanás, em todos os tempos, já preparou. Ali aprendemos que o Espírito Santo conhece previamente todas as tentações que nos sobrevêm. E que no bom plano que Deus tem estabelecido para Suas criaturas humanas, existem fartas porções de bênçãos embutidas nas lições que podemos tirar das experiências vividas em forma de duras provas. No texto está bem claro que Satanás é o tentador. É o autor das tentações e por seu intermédio elas atingem a humanidade.

De início, é fundamental reconhecer que Satanás monta suas armadilhas sempre sobre necessidades reais, diárias e comuns, que Deus criou para preencher a existência humana e enchê-la de significado. Na verdade, são três as necessidades básicas do ser humano: crescimento físico, crescimento mental e crescimento espiritual. A tentação sempre ape-la para a satisfação distorcida de uma necessidade vital. Foi por isso que o inimigo, com muita sutileza, teceu sua armadilha tendo em vista atingir a Cristo nesses aspectos de Sua vida.

A primeira tentação

Então o tentador, aproximando-se, Lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus porém respondeu: Está escrito: não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (S. Mat. 4:3 e 4).

Pão, aqui, representa muito bem tudo o que pode preservar e satisfazer o físico. É tudo aquilo que imediatamente, ou de forma remota, sustenta as forças da vida.

Deus nada é para Si, mas é tudo para Suas criaturas. Servir-Se do Seu poder para benefício próprio é contrário à vida do Céu, e, por isso mesmo, Jesus não podia multiplicar o pão, para Si, sem pecar; muito menos por Sua autoridade, independentemente da vontade do Pai.

A conservação e o desenvolvimento físico do ser humano são fundamentais para que este continue existindo, e estão continuamente na dependência da satisfação de algum apetite, cheio de gozo, que Deus no homem colocou. A Sabedoria infinita revestiu a cada necessidade de uma indescritível sensação de gozo, e a ela prendeu todas as várias utilidades. Basta pensarmos, por exemplo, em um viajor que cansado, sedento, ao longo de uma jornada sob sol causticante, divisa o final de uma curva que desce a um ribeiro que ziguezagueia e saltita como um cervo desmado, oferecendo água pura e fresca. Que deleite sem descrição, beber a largos

sorvos até satisfazer-se! Assim, beber água é uma necessidade com múltiplas utilidades e uma correspondente sensação de gozo. Por outro lado, beber álcool traz em si um falso prazer e muitos prejuízos físicos.

Tentação é buscar experimentar o gozo da existência, sem satisfazer a suas necessidades. É buscar satisfação própria sem benefício ao semelhante, e sem submissão a Deus. A vida ideal conduz à satisfação e supre as necessidades, dentro do plano de Deus.

Nas tentações, Satanás procura ressaltar a satisfação própria em prejuízo das utilidades. E justamente por isso é que nos dias atuais busca-se desenfreada e libertinamente a satisfação sexual. Ou seja, pratica-se o sexo por causa do sexo, independente da orientação e do plano de Deus. A fome é um justo estímulo para conduzir à correta alimentação; e o prazer da comida é o colorido que Deus pôs no apetite. Mas o inimigo inspira os homens ao deleite do comer por causa da satisfação do paladar, apenas, sem levar em conta a necessidade real de nutrição. O sono foi criado como um convite a um restaurador descansado. Mas hoje o homem cerra os olhos sem ser revigorado. Para o exercício, Deus criou o trabalho ativo. Mas o fardo esmagador como é tido o trabalho nos dias modernos mortifica o homem e o desqualifica para a vida. Hoje busca-se emprego, mas não trabalho.

E assim, esquecidos de que não estão suprindo corretamente as necessidades da vida, cegados pelo inimigo, alguns levantam a pergunta: afinal, é, ou não, o dever do homem preservar a sua vida?

Evidentemente a vida é indispensável para qualquer projeto. Mas a resposta começa num princípio básico das Escrituras. A vida está em Cristo. “NEle estava a vida e a vida era a Luz dos homens” (S. João 1:4). Lembrando a criação e a essência da própria natureza humana, em paráfrase é possível dizer que ser algum nasce em si e muito menos vive para si (Rom. 14:7).

O homem é, por natureza, dependente de um Deus que vive para seu bem. A preocupação maior do ser humano não deve ser a de preservar a sua própria vida, mas buscar encontrá-la em Deus. Até a morte, mas nunca separar-se dEle. Jamais tentar ser independente dEle.

Então o diabo O levou à cidade santa, colocou-O sobre o pináculo do templo. E Lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-Te abaixo, porque está escrito: Aos Seus anjos ordenará a Teu respeito; que Te guardem, e: Eles Te sustentarão nas Suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor Teu Deus” (S. Mat. 4:5-7).

Na promessa ressaltada por Satanás, é possível ver que essa tentação estava relacionada com a confiança que o homem deve depositar em Seu Criador. Os valores morais são diretamente atingidos aqui.

A preservação da vida — primeira tentação — é tão significativa quanto a preservação da dignidade pessoal. O valor moral do indivíduo. O sabor da vida é encontrado no sentimento de utilidade. A consciência da dignidade pessoal valoriza a existência, e na falta dessa segurança o homem perde seu equilíbrio, desfaz-se em ansiedades e culmina em ruturas mentais. É simplesmente desagradável sentir-se inútil.

Nessa tentação, mais uma vez, o inimigo tenta justificar uma aparentemente oportuna questão: não existe algum valor no homem, pelo qual ele vença e possa exigir os serviços de Deus? É impossível ignorar totalmente essa interrogação, mas ela imediatamente suscita outra: onde está a dignidade pessoal do homem?

O “EU” é sempre muito enganoso: “Enganoso é o coração, mais do que que todas as coisas, e perverso” (Jer. 17:9). O olhar para dentro do ser, mostrar no “EU” algum e qualquer valor, é, de qualquer forma, uma supervalorização, é vanglória e orgulho.

Isso leva o homem a buscar a aprovação dos semelhantes para sua pessoa. A paz foge até que os outros pensem favoravelmente a seu respeito. Que os outros aprovem e aplaudam seus atos, mesmo que enganados, é a grande vaidade do indivíduo, e isso é presunção. Esse infernal orgulho impede que os mais depreciativos e até justos conceitos que os outros formam e expõem a respeito do homem mortifiquem o “EU”. Ele prefere defender o “EU” à justiça. É bem mais fácil

deixar-se ferir pelo amor ao “EU”, que pelo amor a Deus. A presunção alimenta a falsa satisfação da condescendência própria, enche a visão do homem de direitos, escondendo-lhe as responsabilidades correspondentes.

O orgulho impede de ver que todo o mal que pensarem ou disserem contra um filho de Deus, injustamente, só lhe causará a glória de ser incluído entre os bem-aventurados de Cristo. Aí está a suprema moldura da pessoa humana, a mais rica dignidade.

O orgulho enche o homem de tanta preocupação quanto ao conceito alheio a seu respeito, que ele acaba desconhecendo totalmente que nada pode danificar mais o seu ser do que o indigno conceito que ele tem de si mesmo. O orgulho finge dignidade aos olhos alheios mas é incapaz de convencer seu possuidor, lá em seu íntimo, de qualquer falso valor.

A mais desesperadora condição é a do homem que perdeu o respeito por si mesmo, que conhece no seu interior só vaidade. De nada valerá o fato de que todos até mesmo lhe tribuam elevadíssimo respeito, quando para sua grande desgraça ele sabe que não pode justificar a falsa impressão que faz tudo para causar nos outros. No íntimo, todo o bem que os outros pensam ou digam a seu respeito não acalma a angústia que corrói a alma, por saber-se um mentiroso, desonesto, irresponsável, egoísta e avarento.

O orgulho pode, até mesmo aparentemente ceder e suplicar ajuda, confessando indignidade; mas sempre com sentimentos de merecimento, nunca em súplica por misericórdia e graça. O orgulho é a forma da inutilidade no viver, é o olhar para o nada que o homem é, e nisso ver a razão para o seu viver, para o viver dos outros em seu favor, e para que Deus preste cuidados servis em seu benefício.

O cerne dessa segunda tentação está em o homem ver em si mesmo, independente de Deus, tão grande valor que ele sente estar Deus na obrigação de suprir todas as suas supostas ou reais necessidades, mesmo que rejeitando obediência a Seus divinos planos. Como rei do nada, o homem sente que Deus tem o dever servil de preservar a sua existência, seja qual for a sua relação para com o Criador.

Em sua sagacidade, o inimigo suprimiu da passagem que citou, uma porção com-

plementar: “*Em todos os teus caminhos*”. No paralelo que há entre a frase omitida e o Salmo 34:7 — “o anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem...” — há base para concluir que a frase “os Teus caminhos” refere-se aos caminhos que Deus tem planejado para os homens.

Submissão a Deus é a dignidade verdadeira, não exigência de favores divinos.

Assim, o inimigo, mais uma vez, buscou explorar uma real necessidade do ser humano, incitando Cristo a satisfazê-la erroneamente, distorcendo irresponsavelmente a verdade. Toda tentação nasce sobre uma real necessidade que Deus criou no homem, e consuma-se numa ilusória forma de satisfazê-la, orientada por Satanás.

A terceira tentação

Levou-O ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares. Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele darás culto” (S. Mat. 4:8-10).

Aos olhos do Salvador, o inimigo apresentou um quadro insuperável. Era uma inspiração às conquistas que um homem pode almejar. Deus criou o homem para as conquistas. E todas elas partem da mente, seja o homem inclinado a riquezas, honras, ou intelectualismo. O desenvolvimento da mente é uma necessidade inexcusável. Na mente, físico e espírito se encontram. O bom exercício da mente indica seguro sucesso.

Nada mais justificável do que o desejo de aplicar ao máximo a mente. Deve o homem conquistar? Indubitavelmente sim. A isso todo jovem deve ser inspirado. Mas então em que se constitui o erro?

A busca de honra não é errônea quando é a honra a Deus. O domínio e o poder pertencem a Deus, e exercê-los para a satisfação própria é contrariar o correto uso das capacidades que Deus deu. Na riqueza extravagante não há utilidade, e aplicar-se a esse mister é fugir ao plano do Criador. Salomão disse que o conhecimento sem descanso é enfado. Enfim, a busca dessas conquistas somente se torna

malsã quando em detrimento da relação básica entre o homem e Deus. Porque, afinal de contas, “a vida de qualquer pessoa não consiste na abundância de bens que possui”.

Saber por causa da honra que é fama; do poder que é supremacia; da riqueza que é perecível; do conhecimento de coisas, para satisfazer aos caprichos da vontade, é só inutilidade.

A vida que Deus planejou para o homem não pode ser facilitada apenas pelo bom uso da mente humana. Os Seus planos são bem superiores aos planos humanos. As ambições que a mente desenvolve não podem oferecer ao homem uma vida mais útil que os elevados planos que Deus lhe tem reservado. Quando a busca é de honra, poder, riqueza e conhecimento de Deus e para Deus, jamais há erro.

A base das tentações

Sabedor de que Deus enriqueceu o homem com três faculdades que são mantidas e desenvolvidas por fortes apetites que o Criador fez morar em cada criatura, o maligno trabalha somente para dar uma errônea direção a esses instintos e apetites da vida, com muita sagacidade. No aspecto físico, leva o homem a zelar pela preservação da vida, independente do que Deus tenha planejado. Para preservar a dignidade moral, o homem revela especiais cuidados pela própria imagem. Pela sede de conquista, busca crescer intelectualmente, atraindo o louvor para si mesmo.

A única maneira de desenvolver as faculdades corretamente é através do senso de completa dependência de Deus, que é a característica fundamental de qualquer ser criado. Só em Deus a criatura existe. Só ligado ao Criador e em função do Criador, o homem pode exercer bem as funções da vida.

Satanás, que bem o sabe, tentou sutilmente, nas três tentações, tirar Deus dos planos de Cristo, para que Ele fosse derrotado.

O inimigo é por natureza extremista. Ele só quer levar ao desequilíbrio. Quando, na primeira tentação, Cristo ressaltou que vale a pena confiar na Palavra de Deus, ele serviu-se erroneamente de um texto para dizer que é próprio confiar em

Deus, mesmo quando em desobediência ao Seu plano. Se o problema é desobedecer a Deus, é bem provável ao homem ajuda-Lo na consecução de Seus planos, e Cristo viera para reconquistar o mundo para Deus. Havia, no entanto, uma fórmula aparentemente mais fácil e curta para alcançar esse objetivo — render-Se ao adversário. Extremismo ilógico.

Nas três tentações, há um traço em comum: elas apontam para a dependência de cada criatura do seu Criador; e Satanás procura, disfarçadamente, guiar a Cristo para uma errônea dependência, na verdade, uma franca independência. Ao homem foi dado o desejo de crescimento, e Cristo foi tentado para buscar um conhecimento que dispensasse o Pai.

Mas, em meio aos disfarces, Cristo pôde descobrir aonde o inimigo queria chegar. Que tragédia seria ceder em tão pouco! A vitória do Mestre foi indiscutível.

Conclusão

Em nenhum outro ponto, além desses três, é o homem tentado. De nenhuma outra forma, além dessas três, é o homem tentado hoje.

Nessas três formas também a tentação se apresentou a Eva. Dizia ela, a respeito da árvore proibida: “Boa para comer” — um apelo ao físico. “Agradável aos olhos” — um apelo ao espírito. “Desejável para dar entendimento” — um apelo ao intelecto (Gên.3:6). Uma advertência contra a sutileza inimiga chega às gerações atuais através de I S. João 2:16, que fala da “concupiscência da carne” (físico); “concupiscência dos olhos” (espírito); e “a soberba da vida” (intelecto).

Satanás é a tentativa de um princípio que não funciona, e por isso mesmo é contrário a Deus. É necessário ao homem conhecer a Deus, ou seja, conhecer a impossibilidade de reconciliar os dois: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro...” (S. Luc. 16:13).

Deus deve ser e só deve ser o primeiro, porque para o primeiro sempre há lugar. Mesmo quando há lugar só para um; e porque para um sempre há lugar. O primeiro é sempre o primeiro e nunca deixa de ser.

“Achei-me na ilha chamada Patmos”

ALMIR A. FONSECA

Pastor jubilado, ex-editor de Ministério,
reside em Tatuí, SP.

Na edição de março/abril de 1992, desta revista, escrevi a respeito da expressão “o dia do Senhor”, usada pelo apóstolo João em Apocalipse 1:10. Salientei que algumas correntes religiosas entendem que o dia ali mencionado é um dia da semana, e que para uns esse dia é o domingo, enquanto para outros é o sábado. Com base no livro *From Sabbath to Sunday*, de Samuelle Bacchiocchi, mostrei finalmente que a expressão não se refere nem ao sábado nem ao domingo, mas ao tempo em que nosso Senhor Jesus deverá regressar a este mundo para continuar a Sua obra de resgate do ser humano.

No final do meu artigo, procurei mostrar por que essa hipótese é a que mais se adapta ao que João explica no texto citado. Disse que, estando no DATIVO, o verbo *guinomai* exige a preposição **a**, e não **em**, levando a frase a ser escrita como sendo “ao dia do Senhor”, e não “no dia do Senhor”. Mostrei ainda que João está usando um verbo de movimento e, portanto, um verbo que não aceita a preposição **em**, mas a preposição **a**, o que revela não estar o vidente de Patmos falando de um dia semanal.

Na ilha chamada Patmos

Entretanto, nas considerações que fiz, deixei para trás uma informação que considero de grande valor para os interessados no assunto, e quero agora fornecê-la aos leitores desta revista. Encontra-se ela bem próxima daquilo que disse o escritor do Apocalipse, refe-

rente ao que chamou “o dia do Senhor”. A meu ver, trata-se de uma informação que não tem sido usada pelos comentaristas, mas que serve para elucidar a polêmica questão do domingo. Ela serve de contexto ao que foi dito no verso dez.

Em Apocalipse 1:9, um verso antes, portanto, de onde o apóstolo João trata do assunto referente ao “dia”, diz ele aos destinatários: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, *achei-me na ilha chamada Patmos*, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (grifo suprido).

Uma vez que João usa como palavra que foi traduzida para o português, na versão “Revista e Atualizada” de Almeida, o mesmo verbo que utilizou no verso dez para a palavra achar-se, vale a pena estudar o que ele estava realmente querendo dizer. E qual foi a palavra usada? O verbo *guinomai*, no mesmo tempo, modo e pessoa.

Pensemos, a fim de que entendamos o que João quer dizer por *egenómene*, a forma aorística de *guinomai*, na situação geográfica por ele descrita. Patmos era, como sabemos, uma ilha rochosa plantada no Mar Egeu, onde o apóstolo estava cumprindo sentença. Para ali fora levado, certamente, em um navio, escoltado por soldados romanos. Ao contar aos seus irmãos o que lhe aconteceu, usa um termo que lhes permite entender a sua trasladação para a ilha.

Os destinatários dos escritos que, posteriormente, foram transformados no livro do Apocalipse, sem dúvida entenderam que, ao usar o referido termo, João

não estava querendo indicar que, sem saber como, verificou estar na referida ilha. Que se encontrava em Jerusalém ou em Cesaréia e, ao estremececer, como se despertasse de um sonho, viu-se em uma desconhecida ilha rochosa, vendo as ondas espatifarem-se nos alcantilados penhascos. Entenderam, seus leitores, que a palavra usada implicava em ter sido atirado no porão de um navio, sentir o subir e descer do barco em luta com as ondas e, finalmente, ser lançado numa praia ou em um cais improvisado, e ser ali deixado na companhia de outros prisioneiros considerados indesejáveis.

Em resumo, os leitores de João entenderam que ele foi transportado para aquele lugar. *Egenómene*, para eles, não era lugar **onde**, mas lugar **para onde** o apóstolo fora levado, um lugar denominado Ilha de Patmos. A palavra *achei-me*, portanto, impropriamente traduzida em algumas das versões atuais da Bíblia, não corresponde bem ao sentido que o grego lhe quer dar, a menos que “achar-se” signifique aí todo o processo de transferência de João até à ilha.

“Sobe para aqui”

O outro lugar do livro do Apocalipse, no qual aparece a palavra *egenómene*, com sentido idêntico ao das duas vezes anteriores, é o capítulo quatro e o verso dois. Como das vezes precedentes, relata o autor do referido livro, nesse capítulo, o que lhe aconteceu. Descreve a visão que teve, do trono de Deus, ocasião na qual lhe foi ordenado: “Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas” (Apoc. 4:1).

O verso dois começa dizendo: “Imediatamente eu me achei em espírito”. Além de não dizer muita coisa, da maneira como foi redigida em português, essa frase prejudica o sentido que o grego quer dar à palavra *egenómene*.

Ao ordenar a João que subisse para o lugar que lhe estava sendo indicado, o Ser que com ele falava estava dando a idéia de movimentação da parte do apóstolo. Este devia sair de onde estava, para o lugar sugerido. Como se tratava de uma visão, logicamente o prisioneiro não teve condições de fazer fisicamente o que lhe estava sendo ordenado. Fê-lo, porém, em



A. Pios

êxtase. E, como se assistisse a um filme, presenciou o desenrolar dos acontecimentos até ouvir as palavras: “Certamente venho sem demora” (Apoc. 22:20).

É curioso que na visão do capítulo quatro, João sequer mencione a palavra “dia”, apesar de ter usado em Apoc. 2:4 as mesmas palavras que usou no capítulo 1:10, isto é: *egenómene en pneumatí*, para indicar as circunstâncias em que recebeu as informações que agora transmitia aos seus leitores. Seus destinatários certamente entenderam que ele não estava falando de um dia da semana, mas de acontecimentos ligados com a segunda vinda do Senhor.

Para o autor do Apocalipse, a palavra *dia* tinha menos o sentido de um período de tempo limitado, do que de uma ocasião assinalada por fatos assombrosos e confortadores, outros. Relaciona-se mais com uma época repleta de estranhos acontecimentos, do que com um período de tempo indicado pela astronomia.

Em resumo, o que difere o *egenómene* de Apocalipse 1:9, do *egenómene* de Apocalipse 1:10 e 4:2, são as circunstâncias em que o apóstolo foi transportado e o destino que se seguiu. No primeiro caso, o *egenómene* relaciona-se com a sua locomoção física, efetuada por soldados do imperador Domiciano, para a ilha chamada Patmos; no segundo e no terceiro casos, *egenómene* está ligado à sua ida em êxtase a regiões celestiais, mediante a ajuda de seres não pertencentes ao nosso planeta, para contemplar cenas de todos os tipos e significados. O sentido, porém, é sempre de movimento, de locomoção.

Com essas considerações, espero ter contribuído para tornar mais clara a questão referente ao “dia do Senhor”, embora não espere que a polêmica vá terminar.